

ROBERTA COSTELLA

**A ESCRITA E O *EMOJI*: UMA REFLEXÃO SEMIOLÓGICA PELA  
INTERPRETÂNCIA DA LÍNGUA**

Passo Fundo  
2022

ROBERTA COSTELLA

**A ESCRITA E O *EMOJI*: UMA REFLEXÃO SEMIOLÓGICA PELA  
INTERPRETÂNCIA DA LÍNGUA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em  
Letras, Doutorado em Letras, da Universidade de Passo  
Fundo.

Orientadora: Profa. Dr. Claudia Stumpf Toldo Oudeste

Passo Fundo

2022

CIP – Catalogação na Publicação

---

C841e Costella, Roberta  
A escrita e o *emoji*: uma reflexão semiológica pela  
interpretação da língua / Roberta Costella. – 2022.  
75 f. : il. color ; 30 cm.

Orientadora: Profa. Dra. Claudia Stumpf Toldo Oudeste.  
Tese (Doutorado em Letras) – Universidade de Passo  
Fundo, 2022.

1. Semiótica. 2. Emojis. 3. Escrita. 4. Língua –  
Interpretação. 5. Benveniste, Émile, 192-1976. I. Oudeste,  
Claudia Stumpf Toldo, orientadora. II. Título.

CDU: 800.85

---

Catalogação: Bibliotecária Juliana Langaro Silveira – CRB 10/2427

Aos meus pais, Iracema e Luiz (*in memoriam*). Nem a escrita seria capaz de materializar a gratidão que transborda da minha alma!!! Obrigada por tudo e por tanto!!! Inexplicável. Além e infinito...

## AGRADECIMENTOS

À minha orientadora de sempre e para sempre. Aquela que me leva pela mão desde o Mestrado, Profa. Dr. Claudia Stumpf Toldo Oudeste, responsável por me apresentar Benveniste e, junto comigo, percorrer muitos caminhos, às vezes tortuosos, às vezes serenos. Mulher forte, guerreira e, ao mesmo tempo, de uma gentileza imensa ao compartilhar seu conhecimento comigo. Obrigada, minha professora!!!!

À minha rainha, minha diva, meu porto-seguro, a mulher mais sábia, forte, meiga e gentil que pode existir, minha mãe Iracema, a virgem dos lábios de mel. Que bom que me escolheu e me acolheu. Minha vida, sua vida...

Ao meu pai, Luiz Costella. Sua falta, juntinho de mim, é uma tristeza sem fim. Que homem! Que ser humano "de outro mundo"! Sei que cuida de mim todos os dias. Mas, ah, como queria você aqui! É um amor de outras vidas.

Ao meu irmão, Jony Costella, quem cuida de mim como uma preciosidade, pelos conselhos e pelas longas ligações na tentativa de me acalmar quando eu dizia que não estava bem e chorava ao telefone. Obrigada por cuidar de mim.

Ao meu irmão, Luciano Costella, que, embora distante, nunca deixou de incentivar meus passos, mesmo quando sabia que eu estava com medo de prosseguir. Meu exemplo de perseverança. Obrigada por cuidar de mim.

Ao meu irmão, Luiz Felipe Costella, aquele que "roubou" meu mamá!!! Meus pais aguardavam a menina. Eu nasci, mas quando minha mãe percebeu, já estava grávida de 5 meses. Obrigada por ser meu parceiro na época de faculdade. Obrigada por cuidar de mim.

Às minhas cunhadas, minhas irmãs emprestadas, Luciana Giacometti Costella, Daniela Bacelar Costella e Aline Becker Costella, por entenderem minhas angústias e não me julgarem pelas vezes que não pude estar junto de vocês e das preciosidades que colocaram em minha vida.

Aos meus eternos bebês, meus sobrinhos, meus afilhados, Érika Laura, Maria Luiza, Alice, Antonella e Érik Luiz por me mostrarem todos os dias que a vida nos apresenta inúmeras possibilidades, inúmeras versões. É sempre tempo de renovação, basta abriremos nossos corações.

À minha amiga, colega, companheira de lamentações e alegrias, Débora Facin; nós duas sempre prontas para o Samba do Araçá!!! Horas e horas de mensagem e incentivo trocados. Minha eterna vizinha de apartamento. Cheias de redações para corrigir, porém com muito café

e gargalhadas. Sua amizade aquece meu coração. Foi cumplicidade desde o primeiro olhar. Minha irmã de alma.

À minha amiga, colega e companheira de luta diária, Raquel César Aparecida da Silva. Diriam que duas capricornianas juntas, nunca daria certo. Ahhh, divagações da humanidade. Eu tenho muito orgulho de você e de sua trajetória. Obrigada pelos conselhos, minha irmã de alma.

Ao meu professor e amigo, Fabiano Oliveira, por me ajudar em um momento delicado e importante. “Vamos lá, Roberta!!!”

A uma pessoa que entrou na minha vida há 4 anos, junto com minha tese, Diego Gasparin. Desembarcou sorrateiramente e me incentivou todos os dias. Homem forte, de um coração enorme. Obrigada por estar comigo e não deixar que eu me abale pelos tropeços da vida. Meu amor para você! Minha admiração por você!

Ao Prof. Dr. Valdir Flores (UFRGS), por aceitar participar da banca final e nortear, na qualificação, a escrita deste trabalho. Gratidão, professor!

À Profa. Dra. Paula Ávila Nunes (UTFP). Obrigada por me acompanhar e pela atenção e conhecimentos disponibilizados desde a leitura do artigo, da banca de qualificação até o trabalho final.

À Profa. Dra. Marlete Sandra Diedrich (UPF), pelo carinho, pela leitura, pela participação na banca final e pela parceria em projetos educacionais.

Ao Prof. Dr. Luís Francisco Fianco Dias (UPF), pelo carinho, pela leitura e participação na banca final. Muito obrigada.

Ao Curso de Letras e ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo, pela excelente acolhida desde a Graduação.

Ao Centro de Estudos Odontológicos Meridional (CEOM), por respeitar o meu trabalho e me apoiar nesta jornada. Obrigada, Prof. Dr. Volmir João Fornari, meu amigo de muitas conversas, com quem aprendo todos os dias!

Ao Centro de Ensino Médio Integrado UPF, pelo apoio quando precisei me fazer ausente.

À Capes, pela bolsa concedida.

À minha mãe, Iemanjá, por resgatar a minha fé. À minha mãe, Nossa Senhora Aparecida, por resgatar a minha fé.

Ao meu psiquiatra, Alberto Hexsel, pelo cloridrato de tradozona, de metilfenidato, de fluoxetina e pelas conversas que energizaram meus dois anos finais de escrita.

## **Tá Escrito**

Quem cultiva a semente do amor  
Segue em frente e não se apavora  
Se na vida encontrar dissabor  
Vai saber esperar a sua hora

Às vezes a felicidade demora a chegar  
Aí é que a gente não pode deixar de sonhar  
Guerreiro não foge da luta, não pode correr  
Ninguém vai poder atrasar quem nasceu pra vencer

É dia de sol, mas o tempo pode fechar  
A chuva só vem quando tem que molhar  
Na vida é preciso aprender  
Se colhe o bem que plantar  
É Deus quem aponta a estrela que tem que brilhar

Erga essa cabeça, mete o pé e vai na fé  
Manda essa tristeza embora  
Basta acreditar que um novo dia vai raiar  
Sua hora vai chegar!

Erga essa cabeça, mete o pé e vai na fé  
Manda essa tristeza embora (Manda essa tristeza  
embora)  
Basta acreditar que um novo dia vai raiar  
Sua hora vai chegar!

Composição: Carlinhos Madureira / Gilson Bernini /  
Xande de Pilares.

Versão: Caetano Veloso e Filhos

## RESUMO

O elemento central desta tese situa-se em compreender o *emoji*, a partir da língua, por meio de uma reflexão semiológica, a semiologia da língua benvenistiana, com o objetivo de estudar como ele comporta a reflexão de Benveniste sobre a natureza da escrita na sua relação com a interpretância da língua. Propomos duas questões norteadoras. Questão norteadora 1: Que função tem o *emoji* no campo da escrita? Questão norteadora 2: Tendo em vista que Benveniste, em suas últimas aulas, formula uma hipótese sobre a natureza da escrita na sua relação com a língua, como os *emojis* contemplam o que diz Benveniste nessa relação? Desses questionamentos, ao dividir nossa tese em três capítulos, baseados, principalmente no artigo *Semiologia da língua* (1969) e na obra *Últimas aulas no Collège de France* (1968-1969/2014), construímos a hipótese de que o *emoji* é um elemento da mesma natureza do que a escrita, ao pensarmos a proposta de Benveniste nas *Últimas aulas no Collège de France* (1968-1969/2014), em que descreve a natureza da escrita por meio da interpretância da língua. O *emoji*, um elemento pertencente à escrita, seria uma possibilidade de representação da língua pela escrita, a reapresentação, a fala secundária que Benveniste nos apresenta nas *Últimas aulas*. A pesquisa é de natureza qualitativa e, quanto aos seus objetivos, é caracterizada como exploratória e descritiva. Acreditamos, assim, que o *emoji* é um elemento de propósito semelhante ao da escrita, pois pode ser tratado pela interpretância dessa língua. Essa que tudo interpreta, inclusive a si mesma.

Palavras-chave: interpretância da língua; autosemiotização da língua; linguagem; escrita; *emoji*.



## ABSTRACT

The central element of this thesis lies in comprehending the emoji, from the perspective of the language, through a semiological reflection, the semiology of the Benvenistian language, with the objective of studying how it shows Benveniste's reflection on the nature of writing in his relationship with language interpretation. We propose two guiding questions. Question 1: What role does emoji have in the field of writing? Guiding question 2: Considering that Benveniste, in his last classes, formulates a hypothesis about the nature of writing in its relation with language, how do emojis contemplate what Benveniste says in this relation? From these questions, when dividing this paper into three chapters based mainly in the article *Semiologia da língua* (1969) and in the work *Últimas aulas no Collège de France* (1968-1969/2014), we built the hypothesis that the emoji is an element of the same nature as writing when we think about Benveniste's proposal in the *Últimas aulas no Collège de France* (1968-1969/2014), in which he describes the nature of writing through the interpretation of language. The emoji, an element belonging to writing, would be a possibility of representing the written language, the re-presentation, the secondary speech that Benveniste presents to us in the last classes. The research is qualitative and in terms of its objectives, it is exploratory and descriptive in nature. We believe, therefore, that the emoji is an element with a purpose similar to that of writing – responsible for the self-semiotization of the language – as it can be treated by the interpretation of that language. The one who interprets everything, including itself.

Keywords: language interpretation; self-semiotization of the language; language; writing; emoji.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	9
<b>1</b> <b>CAPÍTULO 1</b> .....	17
<b>A LÍNGUA COMO INTERPRETANTE DOS DEMAIS SISTEMAS E DA</b> <b>SOCIEDADE</b> .....	17
1.1 A SEMIOLOGIA DA LÍNGUA EM BENVENISTE: TEXTO DE 69 .....	18
1.2 (AS) ÚLTIMAS AULAS E (A) SEMIOLOGIA DA LÍNGUA. ....	24
<b>1.2.1 O que é semiologia da língua para Benveniste</b> .....	26
<b>2</b> <b>CAPÍTULO 2</b> .....	35
<b>A ESCRITA EM BENVENISTE: A COMPROVAÇÃO DA</b> <b>AUTOSSEMIOTIZAÇÃO DA LÍNGUA</b> .....	35
2.1 COMO BENVENISTE PENSA A ESCRITA NAS ÚLTIMAS AULAS.....	36
2.2 A 1ª AULA, A ÚLTIMA AULA: DOIS MUNDOS E DUAS LINGUÍSTICAS NA CONSTRUÇÃO DA SIGNIFICAÇÃO DA LÍNGUA .....	47
<b>3</b> <b>CAPÍTULO 3</b> .....	51
<b>A ESCRITA E O EMOJI: O QUE DIZER? COMO DIZER? HÁ O QUE</b> <b>DIZER?</b> .....	51
3.1 A LINGUAGEM HUMANA MANIFESTANDO-SE POR MEIO DOS <i>EMOJIS</i> ...52	
3.2 O <i>EMOJI</i> É UM ELEMENTO DA MESMA NATUREZA DO QUE A ESCRITA SOB A PERSPECTIVA DA INTERPRETÂNCIA DA LÍNGUA? .....	59
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	68
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	71

## INTRODUÇÃO

Dos nossos medos  
 nascem as nossas coragens,  
 e em nossas dúvidas,  
 vivem as nossas certezas.  
 Os sonhos anunciam  
 outra realidade possível,  
 e os delírios outra razão.  
 Nos descaminhos  
 esperam-nos surpresas,  
 porque é preciso perder-se  
 para voltar a encontrar-se  
 (Dos nossos medos/ Eduardo Galeano)

A partir de uma página escrita, muitas deletadas. Conflitos presentes em cada tentativa de escrita, afinal, era minha tese em processo de construção (Ou desconstrução?). Pensamentos desviando do foco a todo momento. Mas em um ponto minha tese e eu<sup>1</sup> concordávamos: a escrita era necessária, mesmo que a zona de conforto não existisse mais (não sei se existiu em algum momento). Imprescindível estabelecer um caminho, uma rota, na qual o GPS não se fazia presente. Traçar um percurso teórico e metodológico que justificasse nossas escolhas era preciso – mesmo que os recortes assustassem e os deslocamentos fossem inevitáveis – pois é assim que se faz pesquisa. “O ponto de vista a partir do qual se constrói um objeto científico de investigação impõe o recorte e, conseqüentemente, a exclusão.” (FLORES, 2019, p. 35). Essa reflexão de Flores permite, atrevemo-nos a dizer, avaliza-nos e encoraja-nos a pensar que, a partir de inclusões ou exclusões teóricas<sup>2</sup>, apropriamo-nos de um certo modo de observar a linguagem<sup>3</sup> e trabalhar com ela.

Partindo desse princípio, “recortes teóricos” foram feitos. O que primeiro podemos explicar é que se trata de um estudo essencialmente semiológico: a Semiologia da língua benvenistiana, com a leitura pautada na obra *Últimas aulas no Collège de France: 1968-1969*<sup>4</sup> (1968/1969). O projeto de uma semiologia da língua parece uma constante nos últimos estudos aos quais Benveniste se dedicou a pesquisar antes do acidente vascular cerebral que sofreu. Mas

---

<sup>1</sup> Em breves momentos da Introdução e das Considerações Finais desta tese, permito-me usar a primeira pessoa do singular, como nesta nota.

<sup>2</sup> Logicamente, não queremos dizer, com isso, que pesquisas com objetos distintos, teorias distintas não possam conversar e produzir sentidos ao fazer linguística, guardados os alcances dos seus limites teóricos-metodológicos. O impasse seria a ausência da participação da sociedade no debate produzido pela linguística. Flores (2019, p. 36) argumenta que a abertura da linguística para outros campos deve acontecer, não “pela via disciplinar, mas pela via de problematização”.

<sup>3</sup> Sempre que nomearmos a obra benvenistiana, nesta tese, apresentaremos somente o ano do texto original. Nas citações de Benveniste (diretas ou indiretas), contemplaremos o ano do texto original e o ano da versão utilizada por nós.

já, em *Semiologia da língua* (1969), da mesma época, essa reflexão semiológica fazia-se latente<sup>5</sup>. Essa reinterpretação<sup>6</sup> apresenta-nos um linguista em um momento intenso de amadurecimento intelectual como pesquisador<sup>7</sup>. Benveniste preocupa-se em desenvolver um projeto semiológico integrando os dois modos distintos de ser língua: semiótico e semântico. Porém, o projeto semiológico vai “além” dessas proposições, já que está ligado à interpretância da língua.

A Semiologia da língua benvenistiana entrelaça diferentes relações de interpretância, sempre, necessariamente, envolvendo a língua, na sua relação consigo mesma, com outros sistemas, com a sociedade; relações essas já trabalhadas no texto de 69 no qual há o esclarecimento de que a Semiologia, além dos sistemas semióticos em si, deve estudar a relação entre eles. Conforme Rosário (2018, p. 134), essa relação “está ligada a uma propriedade constitutiva da língua (sua propriedade de interpretar), na qual se fundamenta o princípio norteador, o axioma, de sua reflexão semiológica”. Esse axioma envolve o princípio de que é a língua e, somente ela, a qual “pode, em princípio, tudo categorizar e interpretar, inclusive a si mesma” (BENVENISTE, 1969/2006, p. 62). Portanto, a noção de interpretância envolveria a relação entre sistema interpretante e sistema interpretado e a propriedade de interpretância da língua, materializada, por meio da escrita, que constitui o instrumento de autossemitização da língua. É pela escrita que a língua retorna a si mesma.

Essa abordagem semiológica da escrita é contemplada e estudada por nós, principalmente nesta leitura (já mencionada) do livro *Últimas aulas no Collège de France* (BENVENISTE, 1968-1969/2014)<sup>8</sup>, publicado por Coquet e Fenoglio, em 2012, e traduzido, em 2014, no Brasil. A obra é organizada com base nos manuscritos de Benveniste – correspondente às suas aulas, entre os anos de 1968-1969, preparadas para serem ministradas no Collège de France – e, também, nas notas de três de seus ouvintes: Jean-Claude Coquet, Jacqueline Authier-Revuz e Claudine Normand<sup>9</sup>. Embora tenhamos total consciência da

---

<sup>5</sup> Apesar de Benveniste ter se dedicado a outros problemas de linguística, parece que nesse período, a reflexão semiológica o ponto principal. “Gostaríamos ainda de salientar que, em 1969, Benveniste participa da fundação e se torna o primeiro presidente da recém-criada Associação Internacional de Semiótica (International Association for Semiotic Studies), assim como aceita presidir o Círculo de Semiótica de Paris (Cercle de Sémiotique de Paris), do qual é um dos fundadores ao lado de Roland Barthes (o grande nome da semiologia na França), Claude Lévi-Strauss e Algirdas Greimas, por exemplo.” (ROSÁRIO; FLORES, p. 90, 2020)

<sup>6</sup> Palavra usada por Rosário (2018).

<sup>7</sup> Citamos aqui o brilhante comentário de Flores em uma de suas aulas na École Normale Supérieure: “É mesmo necessário que a linguística volte a se surpreender com a fineza de um raciocínio que vai se fazendo na medida em que é exposto. O jovem linguista, o que está em formação e ainda não pensa que já está tudo dito, deve se beneficiar, e muito, da sagacidade de um mestre.” (FLORES, 2017a, p. 88)

<sup>8</sup> A partir desta referência, *Últimas aulas*.

<sup>9</sup> Esclarecemos que na utilização da obra *Últimas aulas*, distinguimos as citações feitas para deixar claro se eram dos manuscritos transcritos de Benveniste ou das notas transcritas dos seus alunos, assim como fazem, por

importância desse livro para o estudo, para a retomada dos pensamentos benvenistianos, atentamos para, quem sabe, a “incompletude” de certas ideias postas em debate, já que não são textos publicados pelo linguista.

Ademais, Benveniste é um estudioso que percorreu, em sua trajetória linguística, temas diversos, o que, muitas vezes, gerou questionamentos sobre uma unidade teórica e metodológica e muitos desafios na leitura de seus textos; o que acontece, por exemplo, com *Problemas de linguística geral I e II* (2005/2006), obras organizadas por temática e com distinção temporal significativa. Suas pesquisas abordam uma “ampla produção que versa sobre temas de linguística geral, história e comparação das línguas e aspectos culturais das línguas” (ROSÁRIO; FLORES, 2020, p. 87), além de trabalhos que contemplam outras áreas do conhecimento. Contudo, essa aparente “falta de linearidade”, essa ruptura ao apresentar uma linguística não moldada aos “cânones literários” (ROSÁRIO; FLORES, 2020, p. 87), é logo descaracterizada ao entendermos que a questão da significação é preocupação e presença constante nos textos do linguista. As partes conectam-se no estudo da significação, peça-chave no pensamento do teórico. Aqui encontramos uma amarra a qual nos permite afirmar o posicionamento de que há uma unidade teórica e metodológica em Benveniste.

É nesta amarra que inserimos nosso pensamento: a significação está presente em nossa tese, também é uma preocupação que nos acompanha a cada página, a cada observação e recorte construído, dado que a língua “inteira é informada e articulada pela significação. Ela não poderia funcionar de outra maneira, e essa é, aliás, sua razão de ser.” (BENVENISTE, 1968-1969/2014, p. 188). Se falar de linguística é “falar da língua” (p. 90) e, se a propriedade fundamental é a natureza significante da língua, ou seja, a “língua significa” (p. 90), encaminhamo-nos para uma linguística que versa sobre o plano da significância, uma linguística que tem a capacidade de produzir vários e incessantes questionamentos sobre seus próprios dizeres. A partir dessa língua, repleta de significação, adentramos nas possibilidades de uma nova ciência, a “semiologia” (BENVENISTE, 1968-1969/2014, p. 91). Não uma semiologia exclusivamente dos signos, como a de Saussure<sup>10</sup>, mas uma semiologia da língua, a

---

exemplo, em suas teses, Rosário (2018) e Titello (2019). Dessa forma, as citações atribuídas aos ouvintes de Benveniste são acompanhadas da seguinte distinção: [nota de ouvinte].

<sup>10</sup> Lembremos que Benveniste não nega as contribuições de Saussure, muito pelo contrário. Conforme Flores (2017b, p. 1007), “Benveniste, ao longo de sua teorização, mantém com relação a Saussure uma posição similar a do deus romano Jano bifronte, personagem formado por duas faces, uma que olha para frente e outra que olha para trás. Benveniste é o próprio Jano.” Ele concorda com Saussure na afirmação de ser a língua o sistema semiológico mais importante, porém o “afastamento” acontece na medida em que Benveniste não atribui essa importância ao fato da natureza arbitrária do signo (para ele, relação necessária), mas pela característica peculiar, ímpar da língua: encadear-se no modo semiótico e semântico. Assim, com a capacidade de ser o interpretante dos outros sistemas e, inclusive, dela mesma. O signo não seria a única possibilidade para instituir uma semiologia. “Daí provém seu

qual parte do engendramento do semiótico e do semântico dessa língua. É uma semiologia do discurso e, “principalmente, sobre o aspecto próprio da língua de ser interpretante de si e dos outros sistemas semiológicos” (FLORES, 2013, p. 58). Parece-nos que, a partir da constatação de ser a língua um sistema único, o mais importante dentre todos, é que Benveniste encontra o seu lugar.

Logo, Benveniste apresenta-nos que a língua “é não apenas feita de signos, mas também produtora de signos, que o sistema que a compõe engendra, ele próprio novos sistemas, dos quais a língua é interpretante”. (BENVENISTE, 1968-1969/2014, p. 101). Essa autointerpretância da língua concretiza-se na medida em que não há outro sistema semiótico possuidor da capacidade “*de se tomar, ele próprio, como objeto nem de se descrever em seus termos*” (BENVENISTE, 1968-1969/2014, p. 120, grifos do autor). Dessa forma, a noção de interpretância é de exclusividade da língua. A partir dessa reflexão, é possível pensar a escrita de uma maneira semiológica, que desdobrará a relação entre o sistema da língua e o da escrita. Ao deslocar-se para examinar a função semiótica da escrita, elucida que há um processo de autossemiotização da língua, já que a escrita é um “*instrumento que permite à língua semiotizar a si mesma*” (BENVENISTE, 1968-1969/2014, p. 155, grifos do autor). A escrita insere-se na capacidade de refletirmos sobre a semiotização da língua.

Benveniste, sempre marcado pelas inquietações de como a língua significa (aliás, como diria Flores, Benveniste é muito bom com perguntas) – questionando evidências, problematizando e, logicamente, observando características exclusivas da língua – motivou-se a se interrogar sobre a escrita, tomando-a, como um sistema semiológico que revela, materializa a capacidade de *autossemiotização* da língua, permitindo uma reflexão sobre si própria. Fenoglio (2013, p. 137) afirma que “a escrita faz tomar consciência da existência da língua, materializando-a com a imagem da língua”. Essa observação nos conduz a afirmar que a língua e a escrita não podem ser vistas como sistemas distintos. A língua semiotiza a si mesma por meio da escrita, o meio de representação do próprio discurso. E é a partir desse status de representação do discurso, que tentaremos inserir o *emoji* como uma possibilidade de representação da escrita capaz de permitir uma reflexão sobre a própria língua.

---

poder maior, o de criar um segundo nível de enunciação, em que se torna possível sustentar propósitos significantes sobre a significância. É nesta faculdade metalinguística que encontramos a origem da relação de interpretância pela qual a língua engloba os outros sistemas. (BENVENISTE, 1989/2006, p. 66). Ao final, é sempre o semiótico, o uso, o discurso, a enunciação.

E por que o *emoji*? Por que inserir um elemento que, em uma primeira análise, caberia a um estudo mais voltado à área tecnológica, à informática, como encontrado nas bases pesquisadas? Porque, inserindo-me como linguista, entendo que todos os fenômenos envolvendo sujeitos, independente do meio “original” de propagação, devem fazer parte da pesquisa de estudiosos capazes de reconhecerem, na perspectiva de Benveniste, que a linguagem serve para viver. Uma linguagem em permanente processo de mudança e que se adapta às complexidades de relação dos vários agentes envolvidos na produção de sentidos e às restrições inseridas nas tecnologias que permeiam essa prática discursiva: “A linguagem é para o homem um meio, na verdade, o único meio de atingir o outro homem, de lhe transmitir e de receber dele uma mensagem.” (BENVENISTE, 1968b/2006, p. 93). O *emoji*, para um sujeito que se constitui na língua e vive em sociedade, pode tornar-se uma possibilidade interativa<sup>11</sup>. É necessário debater sobre uma tecnologia impregnada em nosso cotidiano e de interesse (acreditamos) de outros campos da ciência.

No dicionário inglês Oxford (2020), a palavra "Emoji" é definida como “ícone de expressão para mensagens”. As duas expressões japonesas – "E" (imagem) e "Moji" (personagem) – foram traduzidas para o português como "pictograma". Esse elemento só pode ser interpretado pela língua, interpretante de todos os demais signos. Há, dessa forma, uma relação de interpretância, uma vez que a semiótica da linguagem pesquisada se apresenta por meio da matriz de um outro modo de expressão: a língua.

A língua é o instrumento de comunicação por excelência, visto que se encontra investida de “propriedades semânticas e, porque ela funciona como uma máquina de produzir sentidos” (BENVENISTE, 1968b/2006, p. 99); muitas vezes, para transmitir sentidos de forma mais “econômica”, em determinados contextos de interação, é crescente o uso dos *emojis*, quando um locutor se apropria da língua, a fim de exercitar sua capacidade de comunicação. Por isso, nesta escrita, sentidos encontram-se “acrescidos de muitos outros significados, especialmente, de emoções” (PAIVA, 2016, p. 396), as quais emergem de um sujeito em uma relação intersubjetiva, no seio de uma cultura.

A pesquisa é qualitativa em função da forma como abordamos o problema, pois a preocupação está com o nosso processo e os significados decorrentes dele. No que se refere aos seus objetivos, é caracterizada como exploratória e descritiva, já que nossa pesquisa

---

<sup>11</sup> Recuero (2009, p. 30) aborda a interação como matéria-prima das relações e dos laços sociais. Para a pesquisadora, a interação seria uma “ação que tem um reflexo comunicativo entre o indivíduo e seus pares, como reflexo social”. Porém, essa interação no ciberespaço apresenta-se com algumas peculiaridades, construídas com a mediação da tecnologia. Muitas ferramentas suportam essa interação, a qual pode permanecer mesmo com a desconexão do ciberespaço, englobando as interações assíncronas.

bibliográfica nos possibilita uma nova visão sobre a relação entre escrita e *emoji*, atravessada pela língua, com seu poder de interpretância. Portanto, o elemento central deste estudo situa-se em olhar para o *emoji*, a partir da língua, por meio de uma reflexão semiológica. Esta tese reside na hipótese de considerarmos o *emoji* um elemento de propósito semelhante ao da escrita, já que pode ser tratado pela interpretância dessa língua

A partir da tese posta, apresentamos duas questões norteadoras:

- ⇒ Questão norteadora 1: Que função tem o *emoji* no campo da escrita?
- ⇒ Questão norteadora 2: Tendo em vista que Benveniste, em suas últimas aulas, formula uma hipótese sobre a natureza da escrita na sua relação com a língua, como os *emojis* contemplam o que diz Benveniste nessa relação?

Partimos da hipótese<sup>12</sup> de que o *emoji* é um elemento da mesma natureza do que a escrita, ao pensarmos a proposta de Benveniste nas *Últimas aulas* (1968-1969/2014), em que descreve a natureza da escrita por meio da interpretância da língua. O *emoji*, um elemento pertencente à escrita, seria uma possibilidade de representação da língua pela escrita, a reapresentação, a representação da representação, a fala secundária que Benveniste nos apresenta nas *Últimas aulas* capaz de condensar uma série de informações, uma simultaneidade de sentidos.

Por meio das questões norteadoras apresentadas, formulamos o objetivo geral: estudar como o *emoji* comporta a reflexão de Benveniste sobre a natureza da escrita na sua relação com a interpretância da língua. Relacionados à hipótese de pesquisa, definimos os seguintes objetivos específicos: a) Esclarecer qual é a função do *emoji* no campo da escrita, concebida por meio da semiologia benvenistiana na qual esclarece semiotizar todos os outros sistemas. b) Compreender como os *emojis* contemplam o que diz Benveniste, em *Últimas aulas* sobre a natureza da escrita na sua relação com a língua, ao abordar a representação da língua pela escrita, a comprovação da autosemiotização.

Para contemplarmos o estudo teórico proposto, dividimos a tese em três capítulos, respectivamente intitulados: **A LÍNGUA COMO INTERPRETANTE DOS DEMAIS SISTEMAS E DA SOCIEDADE; A ESCRITA EM BENVENISTE: A COMPROVAÇÃO DA AUTOSSEMIOTIZAÇÃO DA LÍNGUA; A ESCRITA E O EMOJI: O QUE DIZER? COMO DIZER? HÁ O QUE DIZER?** Apresentemos cada um.

Adentramos no Capítulo 1 – **A LÍNGUA COMO INTERPRETANTE DOS DEMAIS SISTEMAS E DA SOCIEDADE**. Nessa escrita, pautamo-nos em dois textos: *Semiologia da*

---

<sup>12</sup> Enunciamos uma hipótese apenas, pois acreditamos contemplar as duas questões norteadoras desta tese.



*língua* (1969) e *Últimas Aulas* (1968-1969)<sup>13</sup> – Aulas de 1 a 7. No primeiro texto, encontramos a reflexão semiológica da língua com os outros sistemas, a fim de caracterizar a “semiologia da língua” para Benveniste, pautada na questão da dupla significância (semântico e semiótico). O interesse é verificar o que há na língua que a torna peculiar frente a todos os demais sistemas semiológicos. No segundo texto, entrelaçado ao primeiro já citado, e compreendendo a tese benvenistiana sobre a língua ser o interpretante de si mesma e de todos os demais sistemas, continuamos com o Benveniste questionador, linguista que refuta Peirce e ratifica Saussure ao explanar sobre o signo linguístico. Ora, é o linguista questionador que conhecemos. Não seria diferente em *Últimas Aulas* (1968-1969).

**A ESCRITA EM BENVENISTE: A COMPROVAÇÃO DA AUTOSSEMIOTIZAÇÃO DA LÍNGUA** é título de nosso Capítulo 2. Continuamos com *Últimas Aulas* (1968-1969), especificamente, estudando as Aulas de 9 a 15. Nessas considerações, encontramos a escrita: ela tomará a língua como modelo interpretante, para relacionar os sistemas aparentados e evidenciará que a língua semiotiza a si mesma e aos outros sistemas. A “fala transferida”, a “linguagem invisível”<sup>14</sup> é que permite a reflexão no que diz respeito à linguagem. Contemplamos, posteriormente, o Capítulo 3 de *Últimas Aulas*, intitulado *Última aula, últimas notas*. Encontramos, sem surpresas, novamente, o linguista da significação, o qual defende a concepção de ser a língua inteira informada e articulada pela significação.

No Capítulo 3 – **O QUE DIZER? COMO DIZER? HÁ O QUE DIZER?** – explanamos algumas características do *emoji*, para posicioná-lo como um elemento presente em nossa interação diária. Portanto, discorrer sobre o *emoji*, como uma possibilidade de comunicação humana, é pensá-lo inserido na sociedade, na cultura presente nas diferentes e diversas práticas sociais que identificam as relações da/na vida do homem em sociedade. Posteriormente, dedicamo-nos a uma análise de como pensamos a relação da escrita e do *emoji*, contemplando a língua como interpretante, por meio da teoria de Benveniste.

Esclarecemos que a interpretação e os deslocamentos teóricos feitos são assumidos por nós como possibilidades plausíveis de estruturação e aproximação<sup>15</sup>, sempre com a expansão para “novas” leituras, novos “olhares”, novas ponderações. Portanto, inicio esta escrita,

<sup>13</sup> Textos de leitores benvenistianos também são apresentados.

<sup>14</sup> Termos enunciados por Benveniste (1968-1969/2014, p. 179 [nota de ouvinte])

<sup>15</sup> Nunes, em seu artigo intitulado *Da subjetividade na linguagem fotográfica: as categorias de pessoa e não-pessoa na narração de si* (2020, p. 769), aponta-nos uma ressalva significativa também para o nosso estudo: o fato de que o “linguista sírio nunca se debruçou sobre essa investigação, até mesmo pelo contexto temporal e espacial em que escreveu seus artigos, sendo as propostas veiculadas na terceira seção deste texto fruto inteiramente da interpretação e dos deslocamentos que fazemos dos postulados teóricos de sua obra”.

tomando a língua, para que, com minha capacidade de locutor, possa me enunciar e me tornar sujeito de um dizer para construir sentidos implicados de culturas, experiências, valores inscritos na e pela língua.

Aceitamos sugestões (sempre)! Que a leitura seja feita!

## CAPÍTULO 1

### A LÍNGUA COMO INTERPRETANTE DOS DEMAIS SISTEMAS E DA SOCIEDADE

“É tempo de reler Benveniste.” (FLORES, 2013, p. 191)

Sempre é tempo de reler Benveniste e, desta vez, conhecendo e reconhecendo um Benveniste semiólogo, a semiologia da língua. E é desse domínio semântico de ser a língua mediadora de tudo, que esta tese se inscreve, cuja proposta compreende uma interpretação semiológica – na e pela língua – dos *emojis*. Essa língua que tem como função ser “mediadora entre o homem e o homem, entre o homem e o mundo, entre os espíritos e as coisas, transmitindo a informação, comunicando a experiência, impondo a adesão, suscitando a resposta, implorando, constringendo” (BENVENISTE, 1966-1967/2006, p. 229). Assim a referenciamos: é a língua possibilitando as relações humanas em sociedade. Portanto, concebendo a língua como sistema interpretante dela mesma e dos demais sistemas sígnicos, como o *emoji*, ao pensarmos na elaboração desta tese, partimos da língua para analisar tal manifestação tecnológica de interação.

A organização deste capítulo contemplará os itens que seguem. No item 1.1, A SEMIOLOGIA DA LÍNGUA EM BENVENISTE: TEXTO DE 69, trabalharemos com essa possibilidade de ser a língua a interpretante de si mesma e de outros sistemas, em função de sua dupla significância. Quando Benveniste, neste texto encomendado por Kristeva para o primeiro número da revista *Semiotica* e, posteriormente, compilado em *Problemas de linguística geral II*, aborda o signo, apresenta-nos as duas grandes linhas dedicadas aos estudos semiológicos: as considerações de Charles Sanders Peirce (a qual refuta) e as de Saussure, a partir das quais tece suas reflexões para afirmar que a língua é feita de signos, engendrando sistemas dos quais a língua é o interpretante. Assim, encontramos uma semiologia baseada na dupla significância da língua, capaz de significar os outros sistemas e a si mesma.

Na sequência, no item 1.2, (AS) ÚLTIMAS AULAS E (A) SEMIOLOGIA DA LÍNGUA, apresentamos uma introdução contextualizando a obra *Últimas aulas no Collège de France* (1968-1969). Esse item será dividido em um subitem intitulado: 1.2.1 **O que é semiologia da língua para Benveniste**, no qual trataremos para o debate as Aulas de 1 a 9, inseridas no Capítulo 1 das *Últimas aulas*, intitulado **Semiologia**, em que encontramos um

Benveniste professor, sempre preocupado com a questão da significação, pois acredita que uma descrição a qual não se ocupe disso, passaria longe de entender a língua enquanto sistema. É a significação existente na e pela forma que estrutura a língua. É neste capítulo que Benveniste retoma a questão da semiologia da língua.

Rosário e Flores (2020, p. 90) esclarecem que o artigo de 69 “não está em uma relação de anterioridade com as aulas, mas sim em uma relação de simultaneidade”. Por isso é evidente a aproximação da “reflexão desenvolvida pelo teórico e pelo professor nesses dois momentos ou, melhor dizendo, espaços – o do artigo e o das aulas respectivamente – (ROSÁRIO; FLORES, 2020, p. 90). Logo, um texto não serviria de referência para o outro, muito pelo contrário, “convivem” em uma estreita vinculação.

### 1.1 A SEMIOLOGIA DA LÍNGUA EM BENVENISTE: TEXTO DE 69

*Semiologia da Língua* (1969) é o texto deste item, encomendado por Kristeva para o primeiro número da revista *Semiotica* – publicado em duas partes pelo linguista, em 1969. Já em 1974, no segundo volume dos *Problemas de linguística geral*, as duas partes são publicadas juntas, formando um só texto. (ROSÁRIO, 2018). Nas palavras de Flores (2013, p. 146): “[...] estamos frente a um dos trabalhos mais complexos de Benveniste. [...] ocupa um lugar central na reflexão benvenistiana e tem, talvez, uma amplitude não vista nos demais”. Este é o nosso desafio nesta seção: entender e discutir essa complexidade.

Acreditamos ser importante mencionar, antes de discorrermos sobre o texto de 69, que o pensar a respeito da significância da língua já aparece em outros textos de Benveniste, produzidos anteriormente, a saber: *Os níveis da análise linguística* (1962): domínio da língua como sistema de comunicação e como sistema de signos; e em *A forma e o sentido na linguagem* (1966-1967) e *Semiologia da língua* (1969), aprofunda a discussão com as noções de semiótico e semântico<sup>16</sup>.

Outro ponto a destacar é a diferença de estatuto da distinção semiótico/semântico em *A forma e o sentido na linguagem* e em *Semiologia da língua*. Benveniste, em ambos os textos, apresenta o semiótico como a esfera das relações paradigmáticas, e o semântico é entendido como a esfera das relações sintagmáticas, o âmbito em que se dão as combinações. É o nível

---

<sup>16</sup> Na nota de rodapé número 28, da página 64 de *Semiologia da língua*, é o próprio Benveniste que estabelece uma relação entre os três textos: *Os níveis de análise linguística* (1962), *A forma e o sentido na linguagem* (1966/1967) e *Semiologia da língua* (1969). Assim, parece-nos uma relação necessária, como se um texto apresentasse um “eixo” que se liga ao outro, respeitadas suas peculiaridades.

que tem por função comunicar, tendo a língua como mediadora entre os homens, “entre o homem e o mundo, entre o espírito e as coisas, transmitindo a informação, comunicando a experiência, impondo a adesão, suscitando a resposta, implorando, constringendo; em resumo, organizando toda a vida dos homens” (BENVENISTE, 1966-1967/2006, p. 229). É o nível do uso, que resulta da atividade dos locutores ao colocarem a língua em funcionamento.

Então, questionamos: o que muda no texto de 66 e no de 69, se semântico e semiótico são convergentes nos dois estudos? Se Benveniste conclui que a língua comporta dois domínios distintos, cada um deles exige seu próprio aparelho conceitual? A perspectiva de Flores (2013) parece esclarecer esse questionamento, ao afirmar que há mudança de perspectiva – de linguística no artigo de 1966/1967, para semiológica no de 1969, o que explica o diferente estatuto da distinção semiótico/semântico nesses textos. Expliquemos.

No texto de 69, cujos interlocutores são filósofos, o autor explica que expor que a linguagem significa não implica a significação ser qualquer coisa a qual lhe seja acrescentada, “ou numa medida mais ampla, por uma outra atividade; é de sua própria natureza” (BENVENISTE, 1966-1967/2006, p. 223). Essa significação está, necessariamente, ligada ao exercício do discurso, à dimensão semântica da língua. O importante é pensar como a língua significa. Em *Semiologia da língua*, o linguista desenvolve a formulação teórica apresentada inicialmente em 1966 (ROSÁRIO, 2018), porém fala para linguistas, não para filósofos da linguagem e formula os princípios de uma semiologia (1969), não de uma linguística (1966). Relevante aqui é pensar como a língua significa ela mesma e os outros sistemas. Este é um dos nossos propósitos.

Émile Benveniste traz um estudo essencial para refletirmos sobre a significância da língua em relação aos demais sistemas. Divide-o em duas partes. Na primeira, esclarece seu entendimento sobre semiologia e contrapõe os pensamentos de Peirce e Saussure, relacionando língua e semiologia. Na segunda, traz a relação da língua com os demais sistemas semiológicos. Neste texto,

busca desenvolver seu projeto semiológico de maneira distinta à seguida por seus contemporâneos (Roland Barthes e Algirdas Greimas, notadamente), nele integrando a distinção semiótico/semântico e, por esse viés, integrando também um aspecto de sua teoria que foi responsável por boa parte de sua notoriedade na linguística: a noção de enunciação. (ROSÁRIO; FLORES, 2020, p. 88).

O enunciado “Qual é o lugar da língua entre os sistemas de signos?” (1969/2006, p. 43), questão norteadora do texto, já se encontra no primeiro parágrafo. Para responder, Benveniste cria um percurso, iniciando por um confronto entre Charles Sander Peirce (1839-1914) e

Ferdinand de Saussure (1857-1913), os quais, por meio de perspectivas diferentes, tinham o signo como elemento de observação.

Detemo-nos em Peirce para relembrar sua teoria: define um signo “ou representâmen”, como “aquilo que, sob certo aspecto ou modo, representa algo para alguém. Dirige-se a alguém, isto é, cria na mente dessa pessoa, um signo equivalente” (PEIRCE, 2015, p. 46). Peirce acredita que tudo pode ser signo, se dele se possa deduzir uma significação, no meio de uma cultura e do surgimento desse signo.

Ao se referir a Pierce, Benveniste esclarece que não há nada de concreto e específico formulado pelo autor no que diz respeito à língua, já que não se interessou por ela: “A língua se reduz, para ele, às palavras, e estas são igualmente signos, mas elas não são do domínio de uma categoria distinta ou mesmo de uma espécie constante”. (BENVENISTE, 1969/2006, p. 44). Inicia-se, dessa forma, uma crítica ao posicionamento peirceano, a fim de refutá-lo, mas sempre reconhecendo a importância da tripartição proposta aos estudos do signo, feita do autor (símbolo, ícone e índice)<sup>17</sup>.

Ao argumentar que Peirce caracterizava ser o homem inteiro um signo, seu pensamento, sua emoção, questiona: “Mas finalmente esses signos sendo todos signos uns dos outros, de que poderão eles ser signos que NÃO SEJA signo? Acharemos o ponto fixo onde amarrar a PRIMEIRA relação de signo?” (BENVENISTE, 1969/2006, p. 45). A partir dessa reflexão, Benveniste apresenta-nos Saussure. Para este, toda reflexão deve proceder da língua, caracterizada como seu objeto. Ferdinand de Saussure, no que se refere à questão do signo, estabelece um divisor de águas ao propor um signo o qual apresenta significante e significado, com a característica da natureza arbitrária, não convencional e imotivada.

Para Saussure, o signo é arbitrário, não obedece a uma hierarquia, “é o único que consegue explicar-se por si próprio. É antes de tudo uma noção linguística que mais largamente se estende a certas ordens de fatos humanos e sociais” (BENVENISTE, 1969/2006, p. 49). É por meio dessa noção de arbitrariedade que Benveniste define o signo linguístico como pertencente à língua e evidencia a relação da linguística com a semiologia, entretanto não elucida o que caberia à semiologia.

---

<sup>17</sup> Quando Peirce fala da relação do signo com seu objeto – segunda relação –, a divisão apresenta-se como ícone (primeiridade), índice (secundidade) e símbolo (terceiridade): a) Ícone: seria o modo de representação do signo por meio de uma relação com o seu referente; b) Índice é o sentido do signo, o que ele representa; Símbolo: a relação de convenção com o seu referente. Assim, o signo é um ícone, um índice ou um símbolo. Segundo Toldo (2002, p. 113), “Essa classificação leva em consideração o signo em si mesmo, a qualidade de sua aparência, o seu caráter, a sua natureza”. Assim, a distinção é feita entre o significante e o referente, não o significado. Portanto, não aprofundaremos essa classificação, já que o foco do nosso trabalho é a língua e sua dupla significância.

Rosário (2018, p. 89) questiona-se sobre por que Benveniste traz esses dois pensadores para a discussão. Concordamos com as duas hipóteses apresentadas pela autora:

“cada um a seu modo – pensado o signo e uma ciência dos signos, talvez seja possível se chegar a uma resposta baseando-se em suas ideias. Parece ser esse o motivo. Há, contudo, outra hipótese: como Benveniste objetiva, nesse texto, desenvolver uma reflexão semiológica, não tem como não falar das ideias de Peirce – cuja reflexão, em uma perspectiva semiótica, é referência –, mas, desde sempre, inscreve sua reflexão em uma filiação saussuriana”.

Assim, Benveniste reconhece a importância de Pierce, mas não consegue responder ao seu questionamento, no início do texto de 69, já que este não teoriza algo específico sobre a língua.

Flores (2013, p. 149) acredita que “Benveniste radicaliza a ‘modelagem’ linguística da semiologia”, pois argumenta que todos os outros sistemas de signos, mencionados por Saussure, necessitam da significância da língua. A elucidação sobre o “caráter comum a todos os sistemas e o critério de sua ligação à semiologia encontra-se na sua propriedade de significar ou SIGNIFICÂNCIA, e sua composição em unidades de significância, ou SIGNOS”. A língua seria o mais importante dentre todos esses sistemas.

As noções que envolvem a significação (semiótico e semântico), diferenciando a língua, por tudo interpretar, dos outros sistemas semióticos, são retomadas na segunda parte do texto de 1969, a fim de ressaltar essa dupla interpretação que só a língua possui “[...] e, a partir daí, propor um novo campo do saber: o da semiologia da língua.” (ROSÁRIO; FLORES, p. 10, 2020). Normand, ao insistir sobre o lugar da significação, afirma que “uma das descrições que não se ocupasse disso, passaria ao lado daquilo que faz a especificidade da língua como sistema” (2014, p. 174). Acontecem, dessa forma, as críticas benvenistianas no que se refere ao estruturalismo americano e ao comparativismo. E são esses debates a respeito das ideias de Peirce e de Saussure que possibilitam a discussão de Benveniste sobre a questão da semiologia. Há significação somente na e pelas formas.

Das relações entre os sistemas semióticos, depreendem-se dois princípios básicos: o princípio da não-redundância, pois não dizemos a mesma coisa com dois sistemas diferentes, já que não são “mutuamente conversíveis” (BENVENISTE, 1969/2006, p. 54) – por exemplo, a fala e a música; e o princípio da não transistematicidade, porque é somente no sistema o qual o integra que o signo possui definição. Logo, a relação semiótica acontece na ligação entre um sistema interpretante e um interpretado. A língua, ao ocupar um lugar de destaque, será o sistema interpretante, uma vez que essa sempre interpreta a sociedade e, assim, interpreta o

enunciado e a enunciação que emana do sistema, utilizado por um determinado locutor para se enunciar e se transformar em sujeito do seu discurso.

Ao explicitar que “a língua ocupa uma situação particular no universo dos sistemas de signos” (BENVENISTE, 1969/2006, p. 55), interpretando a sociedade e nunca o contrário, Benveniste apresenta-nos outros sistemas de signos para comprovar sua afirmação. Dentre eles, inclui as artes da figura, colocando-as no nível da representação “onde traço, cor, movimento se combinam e entram em conjuntos governados por necessidades próprias” (BENVENISTE, 1969/2006, p. 59). A música, outro sistema citado, é considerado como uma língua com sintaxe, mas sem semiótica. Não há uma limitação referente à quantidade de sons produzidos por um determinado instrumento, “nem quanto à ordem, à frequência ou à extensão das combinações.” (BENVENISTE, 1969/2006, p. 56). Ademais, o músico organiza os sons de sua canção, de seu discurso de maneira livre, sem nenhuma convenção gramatical, com uma sintaxe própria.

Benveniste (1969/2006, p. 61) ao argumentar que independente de qual seja a “semiologia de um sistema não-linguístico deve pedir emprestada a interpretação da língua”, faz-nos elucidar que ele “não pode existir senão pela e na semiologia da língua. Que a língua seja aqui instrumento e não objeto de análise não muda nada nesta situação, que comanda todas as relações semióticas; a língua é o interpretante de todos os outros sistemas, linguísticos e não-linguísticos.” (BENVENISTE, 1969/2006, p. 61). A competência linguística do produtor de enunciados é exercitada por meio do contato com os diferentes sistemas existentes – verbal e não verbais – e na vivência dessas situações comunicativas na sociedade, espaço constitutivo do homem que usa a língua para se relacionar com os outros homens por meio da linguagem.

Entre esses diferentes sistemas, há três relações possíveis, denominadas engendramento, homologia e interpretância (BENVENISTE, 1969/2006). As relações de engendramento acontecem na construção de um sistema por meio de outro; as de homologia, quando emergem correlações entre as partes, instauradas na relação entre sistemas distintos; e as de interpretância, quando um sistema é capaz de interpretar o outro: “nenhum outro sistema distinto dispõe de uma “língua” na qual possa se categorizar e se interpretar segundo suas distinções semióticas, enquanto que a língua pode, em princípio, tudo categorizar e interpretar, inclusive ela mesma”. Já que os sistemas se subdividem naqueles os quais articulam e nos que são articulados, essa última relação, a de interpretância, é tida como essencial. Ainda envolvendo as relações de interpretação, o linguista retoma o que discutiu no texto de 1968, *Estrutura da língua e estrutura da sociedade*, ao mencionar que a língua contém a sociedade, distinguindo a relação semiológica das demais, inclusive da sociológica, e reafirma o lugar primeiro da língua.



O autor enumera as razões pelas quais a língua é a organização semiótica por excelência:

- 1.º ela se manifesta pela enunciação, que contém referência a uma situação dada; falar é sempre falar-de;
- 2.º ela consiste formalmente de unidades distintas, sendo que cada uma é um signo;
- 3.º ela é produzida e recebida nos mesmos valores de referência por todos os membros de uma comunidade;
- 4.º ela é a única atualização da comunicação intersubjetiva. (BENVENISTE, 1969/2006, p. 63)

Enfatiza que não há, em outros sistemas, o que encontramos na língua, a sua dupla significância a qual combina dois modos distintos: o semiótico (próprio do signo linguístico) e o semântico (próprio do discurso, da enunciação). Elucida que, enquanto o semiótico deve ser reconhecido, o semântico deve ser compreendido, sem dissociação das faculdades. Nos outros sistemas, “têm sempre uma significância unidimensional” (BENVENISTE, 1969/2006, p. 66): ou semiótica sem semântica ou semântica sem semiótica. Para a primeira relação, como exemplo, cita os gestos de cortesia e, para a segunda, as expressões artísticas. É notória a importância atribuída às noções de semiótico e semântico quando o linguista aborda a noção de significância dos sistemas tanto linguísticos, como não linguísticos para formular a noção de interpretância.

Benveniste finaliza seu texto declarando que “A semiologia da língua foi bloqueada, paradoxalmente, pelo instrumento mesmo que a criou: o signo (BENVENISTE, 1969/2006, p. 67). Assim, a “ultrapassagem” em relação ao mestre genebrino, no que se refere ao signo com o princípio único, deve acontecer por duas vias:

- na análise intralinguística, pela abertura de uma nova dimensão de significância, a do discurso, que denominamos semântica, de hoje em diante distinta da que está ligada ao signo, e que será semiótica;
  - na análise translinguística dos textos, das obras, pela elaboração de uma metassemântica que se construirá sobre a semântica da enunciação.
- Esta será uma semiologia de “segunda geração”, cujos instrumentos e o método poderão também concorrer para o desenvolvimento das outras ramificações da semiologia geral (BENVENISTE, 1969/2006, p. 67).

Observemos as palavras de Rosário e Flores (2020, p. 97)

Eis aqui o “programa de pesquisa” de Benveniste [...]. Nele, o linguista associa, de um lado, a análise intralinguística ao semântico, ao discurso e, de outro, a análise translinguística a uma análise com base no semântico, no discurso, quer dizer, naquilo que, mais tarde, será denominado a linguística benvenistiana da enunciação, distinta, portanto, de uma análise com base no domínio semiótico, no signo, na linguística saussuriana. Em outras palavras, para Benveniste, as duas vias – que permitem a ultrapassagem do domínio semiótico como princípio único de explicação da significância da língua – concernem, de um lado, à semântica

da enunciação e, de outro, à metassemântica, também chamada pelo linguista de semiologia de “segunda geração”.

Diante da leitura do texto de 69, podemos considerar que a “Semiologia da língua” (título dado ao texto) aborda a propriedade a qual a língua tem de se interpretar e interpretar os outros sistemas. E repetimos: aqui está a ultrapassagem no que se refere a Saussure: tentativa de criação de um outro campo de estudos, o da semiologia da língua.

A partir dessa semiologia da língua, trazemos, a seguir, considerações presentes no livro *Últimas Aulas* (1968-1969), especificamente as aulas de 1 a 7 do Capítulo 1, intitulado *Semiologia*, ao continuar seu caminho em busca de uma “semiologia da língua” baseada na sua dupla significância. Logo, a reflexão linguística pretende elucidar o modo como a língua significa e como significa os outros sistemas semiológicos.

## 1.2 (AS) ÚLTIMAS AULAS E (A) SEMIOLOGIA DA LÍNGUA

Esta seção destina-se a trabalhar com as últimas aulas de Benveniste, com o Benveniste professor, um pesquisador independente, com pontos de vista originais e até revolucionários sobre a linguagem, sempre centrada na questão da significação. Conforme Coquet e Fenoglio (1968-1969/2014, p. 69-70), na Introdução das *Últimas Aulas*

Dentre todas as suas facetas, a publicação destas últimas aulas permite mostrar aquela que menos se conhece do linguista: a envergadura do erudito é conhecida, a limpidez do estilo teórico, admirada; começa-se a entrever as dimensões e orientações do *pesquisador*, mas o dinamismo e a firmeza do professor tinham sido esquecidos. Ora, se o erudito descobre e desenvolve um saber cada vez mais aprofundado sobre espaços linguísticos específicos, se o pesquisador constrói, artigo após artigo, sua teoria e os conceitos que a sustentam, o desdobramento didático para a constituição de uma engenhosa transmissão ainda não havia sido desvelado, embora vários ouvintes de Benveniste a tenham testemunhado.

Com base nas Aulas de 1 a 7 do Capítulo 1, intitulado *Semiologia*, faremos um estudo explanando sobre o que é a Semiologia da língua para Benveniste. Porém, antes de esboçarmos nossas considerações, acreditamos pertinente alguns esclarecimentos sobre as *Últimas aulas do Collège de France*.

Diferente do texto de 1969, *Semiologia da língua*, que foi encomendado por Kristeva para o primeiro número da revista *Semiotica* e, posteriormente, compilado em *Problemas de linguística geral II*, os manuscritos relacionados às aulas de Benveniste no Collège de France são organizados por Coquet e Fenoglio. Nessa compilação, diferentes fontes foram utilizadas: as notas preparatórias do linguista e as notas de três de seus ouvintes, os quais ofereceram suas

anotações das últimas aulas do linguista – Jean-Claude Coquet, Jacqueline Authier-Revuz e Claudine Normand.

Assim, em 2012, na França, fruto da compilação referida, foi publicado o livro *Últimas aulas no Collège de France (1968-1969)*. Na apresentação da edição brasileira das Últimas aulas, escrita por Valdir Flores, o pesquisador explana que o livro “provocou uma verdadeira avalanche de reações”. Afinal, abria-se uma oportunidade para saber o que pensava um importante linguista da França. E completa:

Nas últimas aulas, reencontramos o linguista erudito, obstinado pelo conhecimento, o mesmo que Barthes havia tão lindamente resumido na formulação “lemos outros linguistas (é indispensável), mas gostamos de Benveniste”. Reencontramos o grande pesquisador que nunca se desviou da busca pelo saber, mesmo que isso o levasse a polêmicas nem sempre compreendidas por seus pares”

Essas últimas aulas de Benveniste abrangem as reflexões referentes à semiologia e à escrita<sup>18</sup>, duas problemáticas específicas. Encontram-se, ainda, em anexo, a bibliografia do linguista escrita por Georges Redard, e uma descrição do Acervo Benveniste da Bibliothèque nationale de France (BNF) realizada por Émilie Brunet. A obra é dividida em três capítulos<sup>19</sup> intitulados *Semiologia* (Aulas 1 a 7), *A língua e a escrita* (Aulas 8 a 15), e *Última aula, últimas notas*.<sup>20</sup>

Nas próximas páginas, encontraremos um Benveniste professor e semiólogo, esclarecendo que o seu pensamento “sobre o sentido não se esgota na semântica da enunciação, mas se volta para a elaboração de uma metassemântica” (TEIXEIRA; MESSA, 2015, p. 102). É a proposta de um projeto de uma semiologia de segunda geração, em uma análise translinguística<sup>21</sup> - proposta desafiadora que ainda deve ser explorada de forma mais aprofundada e significativa. Passemos ao que nos é possível hoje, com as reflexões as quais temos.

<sup>18</sup> Acreditamos ser relevante mencionar que as reflexões benvenistianas sobre a escrita são exclusivas, inéditas. Em nenhum outro artigo publicado pelo linguista encontram-se considerações dessa natureza sobre esse fenômeno.

<sup>19</sup> Os três capítulos citados serão nosso objeto de estudo nos Capítulos 1 e 2 desta tese.

<sup>20</sup> “Infelizmente, essa primeira aula, ocorrida em uma segunda-feira, no dia 1º de dezembro de 1969, é também a última aula proferida por Benveniste no Collège de France relacionada ao que o linguista denomina “Problemas de linguística geral”. Cinco dias depois, em 6 de dezembro, Benveniste sofre um acidente vascular cerebral que o paralisa e o deixa afásico, enclausurando-o e silenciando sua voz.” (ROSÁRIO, 2018, p. 35)

<sup>21</sup> Esse projeto de uma semiologia de segunda geração, o qual toma por base a semântica da enunciação, desliga-se da noção saussuriana de signo como princípio único de explicação da significação da língua. A partir do signo saussuriano, explica-se a significância relacionada à estrutura da língua, sem relação com o seu funcionamento. Benveniste pensa a língua na relação entre sua estrutura e seu funcionamento, a língua dotada de dois modos ligados intrinsecamente: semiótico e semântico, a fim de compreender a sua propriedade de significar.

### 1.2.1 O que é semiologia da língua para Benveniste

Nas últimas aulas no Collège de France (1968-1969/2014), o autor reaviva a discussão de sua reflexão sobre semiologia, formulada ao longo dos anos 60 e apresentada, mais precisamente, em seu artigo de 1969<sup>22</sup>. Consoante Flores (2018, p. 407) “As *Últimas aulas* estão sob forte influência da distinção semiótico/semântico e ligadas à reflexão do artigo “Semiologia da língua”. Benveniste, pois, insere-nos em uma semiologia a qual se fundamenta sobre o discurso, elucidando que essa “semiologia da língua” seria a capacidade que tem a língua de interpretar a todos os demais sistemas e a ela mesma, em função de sua dupla significância.

Na primeira aula, inserida no Capítulo 1 *Semiologia*, Benveniste inicia argumentando que a linguística geral é aquela que se interroga sobre si mesma, sua definição, seu objeto, estatuto e métodos. É, assim, uma interrogação contínua, sempre se renovando com o olhar cada vez mais cirúrgico do linguista. “Falar da “linguística” é falar da língua” (1968-1969/2014, p. 90). Diante dessa constatação, duas questões emergem: “Onde se encontra a língua?” e “Como falar dela?” (1968-1969/2014, p. 90).

Benveniste argumenta que a natureza *significante* é a natureza essencial da língua, a qual é responsável por comandar todas as funções que ela é capaz de assumir:

Ela é *informada de significância*, mesmo considerada fora de qualquer emprego, de qualquer utilização particular ou geral. Essa propriedade, se ela nos parece – e ela nos parece de fato – transcender todas as outras, comandará nosso discurso sobre a língua: será um discurso sobre a característica que colocamos em primeiro plano: a língua *significa* (BENVENISTE, 1968-1969/2014, p. 90, grifos do autor).

Normand esclarece que, somente em 1964, com *Os níveis de análise linguística*, o autor apresenta a propriedade da significação como um “problema fundamental da linguística, exigindo novos conceitos e que se modifique o método da descrição” (NORMAND, 2014, p. 154)<sup>23</sup>. No texto *A forma e o sentido na linguagem* (1966-1967), Benveniste já salientava que, antes de tudo, a linguagem significa e que, antes de servir para comunicar, serve para viver: “Se nós colocamos que à falta de linguagem não haveria nem possibilidade de sociedade, nem possibilidade de humanidade, é precisamente porque o próprio da linguagem é, antes de tudo,

<sup>22</sup> Reiteramos a nossa concordância com Rosário e Flores (2020, p. 90) ao argumentar sobre o texto *Semiologia da língua* (1969) e o *Últimas aulas* (1968-1969) andarem juntos, complementarem-se.

<sup>23</sup> Normand (2014, p. 154) esclarece que fez o apontamento baseando-se “em dois textos distantes dez anos entre si: “Problèmes sémantiques de la reconstruction” (1954, I, cap. XXIV) e “Niveaux de l’ analyse linguistique (1964, I, cap. X).

significar” (BENVENISTE, 1966-1967/2006, p. 222). A respeito disso, para Barbisan (2006, p. 27), Benveniste, em *A forma e o sentido na linguagem*, já partia da “idéia de que a oposição *forma/sentido* coloca o lingüista no âmago da linguagem que é o problema da significação”, o que permite perceber que não podemos tratar dessas questões separadamente.

A partir desse poder significante da língua, Benveniste explica que os signos, elementos da língua, da mesma forma “compartilham desse caráter significante que é próprio da língua em seu conjunto” e propõe “uma possível definição da linguística: ciência que se ocupa dos *signos* linguísticos” (BENVENISTE, 1968-1969/2014, p. 91, grifo do autor). Dessa forma, aflora a ideia de que esses elementos da língua, os signos, possibilitam o aparecimento de uma nova ciência, a semiologia, a ciência dos signos, já que são capazes de formar conjuntos coerentes, sistemas de signos:

Nós vivemos em um universo de signos. Utilizamos simultaneamente, sem nos darmos conta disso, a todo instante, vários sistemas de signos: identifica-los já é uma exploração do domínio da semiologia [...]. A novidade consiste em ver:

- 1) que há no mundo, na natureza, no comportamento humano, uma quantidade de signos de espécies muito diversas (vocais, gestuais, naturais) coisas que significam, que tem um sentido;
- 2) por consequência, que há lugar para pensar que esses signos se assemelham de alguma maneira, que constituem conjuntos;
- 3) que é possível estabelecer relações entre esses conjuntos de signos;
- 4) que o estudo dos signos resulta na criação de uma disciplina particular: a *semiologia*. (BENVENISTE, 1968-1969/2014, p. 91-92)

A reflexão sobre signo remonta a antiguidade. São muitos pensadores e estudiosos dedicados ao estudo<sup>24</sup>. A John Locke atribui-se o nascimento de uma teoria dos signos<sup>25</sup>. North (1995, p. 44) escreve que “A principal figura da semiótica do século XVII foi John Locke”. É somente no final do século XIX, início do XX, que nos apresentam Peirce, na América, e Saussure, na Europa. A partir desses, em condições singulares, porém tendo em comum o fato de terem se dedicado a uma reflexão sobre o signo e sobre a significação, acontece o verdadeiro nascimento da teoria sîgnica.

Especialmente nas Aulas 2, 3 e 4, Benveniste enuncia as duas grandes linhas dedicadas aos estudos semiológicos: a noção de signo é universal e lógica (a semiótica de Peirce) e a ideia de o signo comportar, na sua forma, uma noção individual e social (a semiótica de Saussure). Ao contemplar as afirmações desses dois pesquisadores, expõe seus questionamentos e suas

<sup>24</sup> Dentre os autores, alguns exemplos: Platão, Aristóteles, Francis Bacon, Hobbes, Port-Royal, Humbolt.

<sup>25</sup> John Locke descreveu a relação entre o signo sonoro e a ideia a ele associada, conceito que foi essencial para a ideia de signo enquanto imagem acústica, no campo da semiologia, tratado em Saussure (2006).

conclusões a respeito de cada abordagem, com o intuito de ver no signo, o elemento estruturador da Semiologia da língua.

Na Aula 2, Benveniste tece um “exame” da “semiótica peirceana. Este definiu três categorias universais para mostrar como os fenômenos aparecem, utilizando uma concepção baseada no estudo dos fenômenos com os quais o homem interage pelo signo, uma tríade relacional (BENVENISTE, 1968-1969/2014, p. 95): Primeiridade, Secundidade e Terceiridade.

A Primeiridade diz respeito à experiência das mediações, é a forma vaga, imprecisa, não há nenhuma relação com outros fenômenos do mundo. É a característica da possibilidade qualitativa. A Secundidade seria a reação, a compreensão e profundidade do conteúdo, da realidade, da experiência no tempo e no espaço. Qualquer reação que se estabeleça entre dois termos, é uma relação de secundidade (diádica). A Terceiridade, liga-se à qualidade da consciência imediata, percepção espontânea, cognitiva “que aproxima um primeiro e um segundo numa síntese intelectual, corresponde à camada de inteligibilidade ou pensamento em signos” (SANTAELLA, 1987, p. 67-68), é onde acontece a representação e interpretação do mundo.

Benveniste, ao mencionar que Peirce define dez tricotomias e setenta classes de signos, ou ao apresentar as três classes de signos mais conhecidas, na sua relação com o objeto (ícone, índice e símbolo)<sup>26</sup>, inicia sua crítica a essa teoria. Ele diz que a língua é de outra natureza, já que seus elementos significam no interior da língua: “Não se vê, de modo algum, o que une, umas às outras, essas classes de signos, nem os princípios nos quais estaria fundamentada a classificação” (BENVENISTE, 1968-1969/2014, p. 98). Há uma nítida confusão entre língua e palavra na teoria peirceana e no seu pensamento simbólico. Observa que um estudo mais aprofundado é extremamente necessário.

“Como identificar a especificidade de Saussure?”. É com esse questionamento que se inicia a Aula 3 (BENVENISTE, 1968-1969/2014, p. 99). A universalidade de Peirce dá espaço às reflexões saussureanas de um signo como noção individual e social, ou seja, a língua vista como o todo. Saussure defende que a língua é a organizadora da linguagem. “Ele separa, sem seguida, a língua da escrita e, negativamente, a língua de sua atualização pela fala individual”. (BENVENISTE, 1968-1969/2014, p. 100). Saussure não se apoia sobre o sentido: para ele, língua e escrita são signos distintos e com nível de subordinação (escrita subordinada à língua).

Estudar a língua em si, e não em função de outra coisa ou objetivando outro ponto de vista, é primordial para entender a Semiologia saussureana: “[...] é necessário colocar-se

---

<sup>26</sup> Rever nota de rodapé número 2.

primeiramente no terreno da língua e tomá-la como norma de todas as outras manifestações da linguagem” (CLG, 2008, p. 16). Nada de ponto de vista psicológico, sociológico ou individual; a língua tem sua própria natureza: está longe de ser somente uma nomenclatura ou um conjunto de regras. Nada existe fora do sistema semiológico. É nesse ponto que entendemos o julgamento de que o problema linguístico é, antes de tudo, um problema semiológico. A semiologia não é a ciência das substâncias, mas das formas. É com Saussure que se forma a noção de signo e de uma ciência dos signos. A língua é vista, dessa forma, ao mesmo tempo, como um conjunto sígnico e um sistema semiológico. E se a língua é feita de signos, ela se torna um dos sistemas de signos.

O que Saussure denominou “Semiologia”, trata-se do seu projeto de uma teoria geral de signos com a expressão de ideias. Nessa teoria geral do signo, apresenta-se o modelo sígnico de Saussure, que o define como a união do conceito e da imagem acústica. Assim, “o signo é, pois, uma entidade psíquica de duas faces” intimamente ligadas (CLG, 2006, p. 80). O “sentido” seria a ideia, o conceito, a representação mental de um objeto na realidade em que nos situamos, enquanto a imagem acústica “não é o som material, coisa puramente física, mas a impressão psíquica desse som” (CLG, 2006, p. 80). Dessa forma, chegamos ao signo como união de um significante (imagem acústica) a um significado (sentido), em que um não existe sem o outro, há uma relação de interdependência; são inseparáveis.

A convicção de Benveniste a respeito da língua é clara: “Nossa firme convicção – e nada, até aqui, veio enfraquecê-la – é a de que a língua é não apenas feita de signos, mas também produtora de signos, que o sistema que a compõe engendre, ele próprio, novos sistemas, dos quais a língua é o interpretante” (BENVENISTE, 1968-1969/2014, p. 101). É necessário que um signo seja estudado e compreendido sempre em um sistema de signos.

Nessa perspectiva de ser a língua o interpretante, adentraremos na Aula 4, na qual Benveniste começa a traçar, mais especificamente, a sua Semiologia, baseada na dupla significância da língua. Assim, procederemos a uma reflexão linguística para tentar compreender o modo como a língua significa, e o modo como ela significa os outros sistemas semiológicos, a fim de dizer algo a respeito da Semiologia da Língua, a Semiologia benvenistiana.

Ao mencionar, no início da Aula 4, que Saussure disse ser a língua feita de signos e, dessa forma, uma disciplina semiológica, Benveniste infere que nos encaminhamos para um novo problema não formulado por Saussure: “Como é possível que haja sistemas semiológicos? Quantos eles são? Seriam sempre os mesmos sistemas ou sistemas diferentes? E se eles são diferentes, no que se diferenciam? Haveria uma relação entre eles, e se há, qual seria essa

relação? (BENVENISTE, 1968-1969/2014, p. 103). Saussure somente apontou a língua como sendo o principal dos sistemas semiológicos. Não esclareceu o motivo. Ao seguir pelo caminho que conduziu Saussure à semiologia, encontramos a sua preocupação em classificar a língua. E Benveniste continua afirmando, ao definir tanto o pertencimento quanto a estrutura da língua, que, por ser feita de signos, pertence à semiologia.

Uma característica da língua e dos demais sistemas semióticos “seria o fato de não poder haver diferença, na língua, entre o que distingue uma coisa e o que a constitui” (CLG, 2006, p. 196), pois somente enquanto está no lugar de outras coisas, é que o sistema inteiro existe, ou seja, enquanto significa. E essa significação “somente funciona no interior de um único sistema sobre um domínio definido. Porém, pode haver também sistemas supletivos.” (BENVENISTE, 1968-1969/2014, p. 106). Com essa informação, o linguista apresenta-nos o princípio da conversibilidade de um sistema em outro, porque, a priori, um sistema semiológico possui a capacidade de gerar outros. Haverá sempre um sistema gerador e um gerado. A relação entre eles se configura em uma relação de derivação: “sistema de campo restrito que deriva do sistema de campo amplo” (BENVENISTE, 1968-1969/2014, p. 108). Para que haja o que Benveniste chama de “sistemas de transferência”, um sistema primeiro é necessário.

Posterior à apresentação da conversibilidade, Benveniste, na Aula 5, coloca-nos frente à relação de interpretação que acredita ser necessária para realizar uma “análise descritiva dos sistemas semiológicos, uma nova relação. [...] é a *relação de interpretância entre os sistemas*” (BENVENISTE, 1968-1969/2014, p. 109, grifos do autor). A discussão pauta-se na determinação de um sistema considerado semiológico ser capaz de se interpretar ou se há necessidade de recorrer a outro sistema semiológico. O linguista responde:

A resposta é que, deixando de lado a música e as artes visuais, os sistemas semióticos diferentes da língua *não se bastam* a eles mesmos e todos têm necessidade de verbalização; por essa razão primordial, apenas é *significante* o que é denominado pela linguagem.

Portanto, colocamos entre a linguagem e os ditos sistemas semióticos, uma *relação de engendramento*, atualizada em uma *relação de denominação*. (BENVENISTE, 1968-1969/2014, p. 109, grifos do autor).

Benveniste exemplifica seu ponto de vista ao mencionar a língua e a sociedade. A realidade, o mundo são reproduzidos pela linguagem, por sua própria organização. Dessa forma, o diálogo, a troca concebe ao ato do discurso dupla função: representa a realidade para o locutor e recria para o ouvinte. “Isso faz da linguagem o próprio instrumento da comunicação intersubjetiva.” (BENVENISTE, 1963/2005, p. 26). Mas, se indivíduo e sociedade tornam-se complementares, determinam-se mutuamente, é a língua que proporciona essa igualdade. Não



há sociedade, assim como indivíduo, a não ser pela língua. O homem inventa e compreende símbolos, o que faz dele um animal racional. Essa faculdade de simbolizar alcança o auge na linguagem, “expressão simbólica por excelência” (BENVENISTE, 1963/2005, p. 30), que se concretiza sempre dentro de uma estrutura linguística particular, dentro de uma língua. Há uma relação de *não conversibilidade mútua* que se estabelece entre língua e sociedade (BENVENISTE, 1968-1969/2014). Não há como conceber língua e sociedade separadamente.

Assim, a perspectiva benvenistiana aborda uma relação mútua entre língua e sociedade, uma vez que a língua é o “interpretante da sociedade” e “contém a sociedade” (BENVENISTE, 1968/2006, p. 97). No texto de 1963, *Vista d’olhos sobre o desenvolvimento da linguística* e no de 1968, *Estrutura da língua e estrutura da sociedade*, já se inferia que a relação entre ambas é semiológica, a relação do interpretante e do interpretado:

No texto de 1963, encontramos a seguinte reflexão:

De fato é dentro da, e pela, língua que indivíduo e sociedade se determinam mutuamente [...].

A sociedade não é possível a não ser pela língua; e pela língua, também o indivíduo [...].

Qual é então a fonte desse poder misterioso que reside na língua? Por que o indivíduo e a sociedade, juntos e por igual necessitam, se fundam na língua? Porque a linguagem representa a mais alta forma de uma faculdade que é inerente à condição humana, a faculdade de simbolizar. (BENVENISTE, 1963/2005, p. 27)

No texto de 1968, encontramos:

[...] tomaremos língua e sociedade em sincronia e numa relação semiológica: a relação do interpretante com o interpretado. e formularemos estas duas proposições conjuntas: em primeiro lugar, a língua é o interpretante da sociedade; em segundo lugar, a língua contém a sociedade.

[...] a língua é necessariamente o instrumento próprio para descrever, para conceitualizar, para interpretar tanto a natureza quanto a experiência, portanto este composto de natureza e de experiência que se chama a sociedade. É graças a este poder de transmutação da experiência em signos e de redução categorial que a língua pode tomar como objeto qualquer ordem de dados e até a sua própria natureza. Há uma metalinguagem, não há metassociedade. (BENVENISTE, 1968/2006, 97-100).

Essas reflexões trazidas, já apontam: a língua é, pois, sempre o interpretante. Todos os outros sistemas estão em relação com a língua, hierarquicamente, o primeiro dentre eles. Logo, não haveria justificativa, em nenhum sistema semiológico, de seu poder significante.

“Um dado de fato ou um princípio gerador” (BENVENISTE, 1968-1969/2014, p. 115). Assim Benveniste diz, no início da Aula 6, não ser apenas, a partir de Saussure, que se deve propor a existência de vários sistemas semiológicos, perguntando sobre a coexistência, a

substituição, a formação de conjunto, as relações<sup>27</sup>, os comandos. Precisamos pensar se reconhecemos essa noção de sistema semiológico como um fato ou como um princípio gerador<sup>28</sup>. Ao fazer essas constatações iniciais, o linguista explora a questão referente aos sistemas semiológicos “que representam algo por meio de signos específicos, tem sempre alguma relação com eles.” (BENVENISTE, 1968-1969/2014, p. 116). O importante é “encontrar o critério” – que deve ser de natureza semiológica –, a fim de permitir o reconhecimento dessa relação. (BENVENISTE, 1968-1969/2014, p. 116). Aqui se encontram os sistemas que necessitam de um sistema interpretante para se tornarem significantes. Um sistema o qual permita a significância do sistema interpretado.

O autor apresenta aos leitores sistemas semiológicos, como a música e a representação por imagens. Esta depende de “uma “história”, de uma “narração”, de uma “ação” falada” (BENVENISTE, 1968-1969/2014, p. 117, grifos do autor).<sup>29</sup> Aquela é caracterizada como fundada sobre sua ordem própria, cuja interpretação ocorrerá pelo próprio sistema; logo a correlação não é possível entre as unidades desse sistema e de outros. Finaliza sua aula enfatizando que é a língua, enquanto sistema de expressão, interpretante de todas as instituições e de toda a cultura, havendo a necessidade de distinção da língua-idioma.

Na aula do dia 27 de janeiro de 1969, a Aula 7, Benveniste elucida que a língua pertence a um sistema geral de significação do qual faz parte enquanto um sistema particular que abrange essa significação distribuída e articulada por princípios igualmente significantes. Posteriormente, apresenta-nos as possibilidades que só a língua comporta (como, por exemplo, modificar-se em um contexto, ou formar conjuntos que constituem novas unidades) e questiona (1968-1969/2014, p. 120): “[...] a língua seria ainda um sistema semiótico, no sentido em que são os outros sistemas? Ela não seria outra coisa?”. Esses questionamentos acontecem porque o autor reconhece uma diferença considerada a principal entre os sistemas semióticos e a língua: “*nenhum sistema semiótico é capaz de se tomar, ele próprio, como objeto, nem de se descrever em seus próprios termos*” (BENVENISTE, 1968-1969/2014, p. 120, grifos do autor). Ao expor a dúvida de que a língua pertenceria à semiótica, com a hipótese de que ela seria somente o interpretante de todos os demais sistemas semióticos (A língua é a semiologia?), procede a uma distinção de base a qual deve ser respeitada.

---

<sup>27</sup> Essas relações entre sistemas, importantes para nossa tese, já foram explicitadas em parágrafos anteriores e continuarão a ser convocadas.

<sup>28</sup> Termos de Benveniste: *fato e princípio gerador*.

<sup>29</sup> Voltaremos a abordar esses exemplos que aparecem também em *Semiologia da língua* (1969/2006).

Essa distinção deve acontecer entre sistemas: “1) aqueles que se contêm eles próprios (que são autônomos); 2) aqueles que têm necessidade de um interpretante” (BENVENISTE, 1968-1969/2014, p. 121[nota de ouvinte]). Assim, estabelece duas categorias: sistemas autônomos e sistemas dependentes. Sobre o sistema da língua, apresentada como autônoma, formada por signos, cada um com seu valor de significância, a afirmação de Benveniste é clara e objetiva, digna de reprodução:

Há dois modos de significância, característica que parece não estar em nenhuma outra parte. Contrariamente ao que Saussure pensava, essa é uma propriedade que coloca a língua fora dos sistemas semiológicos:

- 1) cada signo é constituído por uma relação de significante com significado. Nas unidades de base, a significância já está incluída: ela é constitutiva dessas unidades;
- 2) essas unidades são agrupadas; só funcionam em conjunto. O princípio desse funcionamento é o segundo modo de significância. (BENVENISTE, 1969/2014, p. 122 [nota de ouvinte]).

Ao final da aula, uma declaração inacabada: “A significação é, na língua, organizada em dois níveis (BENVENISTE, 1968-1969/2014, p. 122 [nota de ouvinte]), a qual voltará a ser desnudada somente em sua última aula. Conceito apresentado, noções expostas, mas ainda não nomeadas.

Parece-nos difícil conceituar, fixar o que Benveniste entende por Semiologia. Porém, com a presença dos níveis semiótico e semântico, uma semiologia da língua poderia designar “um conjunto constituído por essas duas análises”, como afirmado por Normand (2014, p. 179), já que relaciona a sua estrutura e o seu funcionamento. Para Benveniste “é a língua como sistema de expressão que é o interpretante de todas as instituições e de toda a cultura.” (1968-1969/2014, p. 117). Portanto, “vai além” ao atribuir à forma o sentido, pois o signo pode apresentar significações diferentes de acordo com a cultura em que se insere.

Benveniste concorda ser a língua o mais importante dos sistemas semiológicos, como supõe Saussure, mas não atribui essa importância “à natureza arbitrária do signo linguístico [...], e sim ao fato de ser a língua o único sistema que se articula, simultaneamente, no modo semiótico e semântico” (FLORES, 2019, p. 364). Aqui está, novamente, a ultrapassagem, quando se trata de Saussure. A língua é o interpretante dela mesma e dos demais sistemas semiológicos. O objetivo é mostrar o motivo pelo qual “a língua é passagem obrigatória para se compreender os outros sistemas de signos, somente ela pode transformá-los em matéria inteligível” (NORMAND, 2014, p. 179-180)<sup>30</sup>. É o modo como a língua é capaz de significar

---

<sup>30</sup> Em seu artigo *Saussure-Benveniste*, Normand apresenta-nos o que chama de “tipo de discurso ao relacionar os dois linguistas: o discurso de filiação, o discurso da novidade e o discurso da comparação ou sua variante *démodé*. São discursos “misturados e separados violentamente [...] proferidos de modo abundante” (2014, p. 197-198).

os outros sistemas, essa reflexão semiológica da língua com os outros sistemas semiológicos que caracteriza a “semiologia da língua” para Émile Benveniste.

Prosseguiremos agora para o estudo de uma escrita que contemple a semantização da língua em sua discussão, a comprovação da sua autossemiotização: a escrita tomará a língua como modelo e a materializará.

---

Além dos três já citados, menciona o discurso sobre a relação com a interdisciplinaridade e discurso sobre a relação com a instituição universitária. Toda essa organização é feita para dizer que Normand (2014, p. 198) falará de encontros. “Benveniste encontrou Saussure no que pôde conhecer de seus escritos. [...] Mais do que referências, tratar-se-á de presenças”.

## CAPÍTULO 2

### A ESCRITA EM BENVENISTE: A COMPROVAÇÃO DA AUTOSSEMIOTIZAÇÃO DA LÍNGUA

“Toda reflexão sobre a língua, em particular, faz surgir em nosso pensamento à forma escrita, na qual os signos linguísticos adquirem realidade visível.” (BENVENISTE, 1968-1969/2014, p. 127).

Como já mencionado no Capítulo 1 desta tese, os manuscritos relacionados às aulas de Benveniste no Collège de France são organizados por Coquet e Fenoglio, a partir das notas preparatórias do linguista e das notas de três de seus ouvintes – Jean-Claude Coquet, Jacqueline Authier-Revuz e Claudine Normand. Neste capítulo, trabalharemos com as Aulas de 08 a 15, ministradas no período de 8 de fevereiro a 24 de março de 1969, cujo conteúdo é dedicado à escrita: “Essa publicação representa uma preciosa oportunidade de acompanhar sua reflexão sobre a semiologia, feita em plena atividade docente [...]” (TEIXEIRA; MESSA, 2015, p. 102). Assim, temos permissão para entrar no mundo das suas reflexões inéditas sobre a escrita.

Neste espaço, mostraremos, no item 2.1, COMO BENVENISTE PENSA A ESCRITA NAS ÚLTIMAS AULAS, a sempre presença saussuriana, postulando que a escrita seria subordinada à língua, e que ambas seriam dois sistemas distintos de signos: a escrita representaria a língua que lhe seria anterior. Mas também a crítica benvenistiana em relação ao pensamento de Saussure quanto à escrita, um sistema semiológico. Nosso teórico trabalha a aquisição da escrita nas aulas, da mesma forma que nos apresenta a escrita nas sociedades primitivas. Um Benveniste profundo conhecedor das línguas, poliglota por excelência.

Contudo, parece-nos que a sua principal preocupação é pensar a escrita a partir da semiologia da língua (nosso interesse nesta tese). Nessas aulas, a reflexão de Benveniste sobre a escrita não objetiva buscar sua origem nem sua história, tão pouco uma reflexão na qual seja compreendida como produção escrita ou como enunciação escrita. “Benveniste está interessado em mostrar a relação intrínseca da escrita com a língua, um sistema significante especial em meio aos sistemas semióticos. É nesse contexto que a questão da escrita é tratada e, conseqüentemente, deve ser compreendida” (ROSÁRIO, 2019, p. 135). Benveniste mostra que seu interesse pelas relações entre os sistemas ainda é visível, sempre tendo a língua como o sistema interpretante, apresentando a escrita como um outro modo de ser língua.

No item 2.2, A 1ª AULA, A ÚLTIMA AULA: DOIS MUNDOS E DUAS LINGUÍSTICAS NA CONSTRUÇÃO DA SIGNIFICAÇÃO DA LÍNGUA, trabalharemos com o Capítulo intitulado **Últimas lições, últimas notas** o qual reúne as anotações do mestre, antes de seu falecimento, sempre pautadas na significação, já que não há língua sem a significação, e é impossível fazer um estudo do sentido fora da língua.

## 2.1 COMO BENVENISTE PENSA A ESCRITA NAS ÚLTIMAS AULAS

“Da escrita não diremos nada aqui, reservando para um exame particular este difícil problema.” Palavras do próprio Benveniste em *Semiologia da língua* (1969, p. 51). Ele tinha total razão ao usar esse adjetivo para se referir à escrita. Não havia, até então, escrito exclusivamente sobre ela, mas parece presença constante em seus pensamentos, embora, muitas vezes, não materializados. Esse laborioso trabalho sobre a escrita, essa análise semiológica que compreende a escrita deve “envolver um contexto de reflexões sobre a natureza semiótica/semiológica da língua” (FENOGLIO, 2017, p. 277). Assim, necessitam ser lidas suas ponderações sobre a escrita. Parece-nos um caminho fascinante, mas perigoso na tentativa de estabelecer alguns “recortes teóricos” em detrimento de outros.

Aventurar-nos-emos a compreender o lugar da escrita em relação à língua; logo, é necessário, parafraseando Benveniste, repensar, sob nova perspectiva essa relação (1968-1969/2014, p. 127). Segundo Fenoglio, o problema colocado é delineado com base em três questões: “- questionar sobre “a língua enquanto representada pela escrita”; - questionar sobre esta própria representação; questionar sobre a escrita em si, ou seja, sobre a escrita enquanto “sistema semiótico”, fora de suas condições históricas de desenvolvimento” (2017, p. 280). O que interessa a Benveniste é entender a ligação que se estabelece entre língua e escrita. Outro ponto investigado pelo linguista abrange a compreensão de como a escrita chegou aos homens, como ela se liga intrinsecamente a ele.

Dessa forma, na Aula 8, a primeira do capítulo sobre a escrita, encontramos um autor que concebe o pensamento, inúmeras vezes, informado pela escrita, já que vivemos na “civilização do livro, do livro lido, da escrita e da leitura.” (BENVENISTE, 1968-1969/2014, p. 127). Acredita, dessa forma, em uma relação cada vez mais íntima com a língua toda, a fala e o pensamento. E acrescenta:

Toda reflexão sobre a língua, em particular, faz surgir em nosso pensamento à forma escrita, na qual os signos linguísticos adquirem realidade visível.

Essa condição em que nos encontramos diante da escrita mascara, ao nosso ver, a maior dificuldade do problema, uma dificuldade menos relacionada à matéria do que à maneira como a consideramos instintivamente. Isso porque, sem um esforço de imaginação do qual bem poucos são capazes, mal estamos em condições de nos distanciarmos da nossa experiência secular para repensar do zero, em sua relação primordial, a língua e a escrita. (BENVENISTE, 1968-1969/2014, p. 127).

Concordamos com Fenoglio quando ela traz à tona a questão do termo “primordial”, imerso na citação anterior, ao relacionar a língua e a escrita. Ela defende que essa palavra não foi escolhida por acaso. A força semântica desse termo que abrange “ao mesmo tempo o que é essencial, fundamental, primitivo e primeiro” (2017, p. 278), permite a Benveniste dizer de qual escrita vai falar, delimitando seu objeto: a língua sob a forma de escrita, não a língua escrita. Aqui há uma crítica explícita a Saussure (CLG, 2006), o qual confunde (ou não se preocupa com a diferença) a escrita com o alfabeto, a língua como uma língua moderna e para o qual língua e escrita são dois sistemas distintos, porém esta representaria aquela que seria anterior.

Benveniste (1968-1969/2014, p. 129) refere-se à escrita como supondo uma abstração de alto grau: “abstrai-se do aspecto sonoro – fônico – da linguagem, com toda a sua gama de entonação, de expressão, de modulação”. Portanto, deve ser considerada em si, em nível particular, não como uma totalidade. Nesse momento, deparamo-nos com o primeiro princípio de análise da escrita: só a língua possibilita pensar a respeito da escrita como sistema semiótico.

Com a escrita, o locutor deve se desprender da representação que tem instintivamente do falar enquanto atividade, enquanto exteriorização de seus pensamentos, enquanto comunicação viva. Deve tomar consciência da língua como realidade distinta do uso que dela faz: isso já é uma operação muito trabalhosa – como bem sabem, por experiência, aqueles que ensinam os rudimentos da escrita às crianças. A língua é convertida, de repente, em uma imagem da língua.

Ao comentar sobre uma série de abstrações implicadas na aquisição da escrita, o autor menciona quatro que tentaremos explicitar na sequência. A primeira abstração abrange o fato de que a língua se torna uma realidade distinta, uma vez que falamos quando temos vontade ou necessidade. O importante é a consciência de que quando fala “coloca em ação uma “língua” que o outro também possui e maneja.” (BENVENISTE, 1968-1969/2014, p. 130). Mesmo em situações diversas, os locutores usam a mesma “língua”. Um segundo ponto, é desvincular-se do que é essencial para o falante: o contexto. Como terceira, o distanciamento das realidades diárias, daquilo que nos faz sentir necessidade de falar para alguém, “a realidade viva”. E, por fim, o processo de aquisição da escrita, já que da “palavra ao desenho da palavra, realiza-se um

salto imenso.” (BENVENISTE, 1968-1969/2014, p. 131); o que está em questão é, pois, a ligação entre o que pensamos e o que escrevemos, porque

O ato de escrever não procede da fala pronunciada, da linguagem em ação, mas da linguagem interior, memorizada. A escrita é uma transposição da linguagem interior, e é preciso primeiramente aceder essa consciência da linguagem interior ou da “língua” para assimilar o mecanismo da conversão em escrito. (BENVENISTE, 1968-1969/2014, p. 132)

Pensemos um pouco mais sobre a linguagem interior, quando o linguista expõe que a escrita necessita da elaboração da linguagem interior por parte de quem escreve, em função de seu alocutário. Logo, não seria uma reprodução, uma cópia do pensamento, mas um sistema singular. Para construir a escrita como sendo um sistema, a linguagem interior é necessária. “A linguagem interior é rápida, incoerente, pois sempre se compreende a si mesma. É sempre uma língua *situada* em um contexto presente, eu faz parte da condição de linguagem, portanto, inteligível para o falante e apenas para ele.” (BENVENISTE, 1968-1969/2014, p. 133, grifos do autor). Questionamos: E a compreensão para os outros? Há possibilidade dessa inteligibilidade a outros? Benveniste, claramente, responde:

Porém, transferir essa linguagem interior – condicionada pela relação do locutor consigo mesmo em uma experiência e circunstância únicas, mutáveis – em uma forma inteligível a outros, e que perde, sob seu aspecto escrito, toda relação natural com a relação que foi da linguagem interior, é uma tarefa considerável e que exige uma atitude inteiramente diferente da que adquirimos por meio do hábito de transferir o pensamento à escrita. (BENVENISTE, 1968-1969/2014, p. 133)

Sabemos, então, que a tarefa de transferência da linguagem interior é diferente da transferência do pensamento para a escrita. A compreensão dessa linguagem é a de um sistema singular e precisa ser considerada por aquele que escreve para que sua escrita se torne acessível aos seus alocutários, porque, reiteramos, “bem antes de servir para comunicar, a linguagem serve para viver. [...] o próprio da linguagem é, antes de tudo, significar” (BENVENISTE, 1967/2006, p. 222). Aqui encontramos a abstração de alto grau, referida por Benveniste na página 129 das *Últimas Aulas*. Contudo, acreditamos que a compreensão dessa “linguagem interior” é complexa e não acabada nos escritos benvenistianos, ou, ao menos, é pouco discutida.

Entendemos que nosso pensamento vai ao encontro do que enuncia Stein (2020, p. 112-113), em seu artigo intitulado *A noção de “linguagem interior” em Émile Benveniste: uma problematização para a compreensão da escrita*:



A leitura aqui realizada evidencia a complexidade da compreensão de “linguagem interior”, uma vez que o linguista deixou, no fôlio<sup>31</sup>, marcas de um pensamento em devir, o que configura o estudo da noção como mais uma opção pelo problema. A partir daí, há a evidência de compreensão da “linguagem interior” como um sistema singular, que não é decalque do pensamento, e que precisa ser considerada por aquele que escreve a fim de tornar sua escrita acessível de fato aos leitores.

Finalizando a Aula 8, Benveniste critica a ideia de Saussure ao propor a escrita como sistema subordinado à língua. Refere-se à ideia como “banal”. A relação entre pensamento e materialização gráfica aparece enlaçada ao “signo linguístico”. Em Saussure, encontra-se uma associação do pensamento e da verbalização idiomática. Diante disso, a representação gráfica seria icônica e “se desenvolveria paralelamente à representação linguística [...]” (BENVENISTE, 1968-1969/2014, p. 133), sem subordinar-se à forma linguística. Para Benveniste, é clara a necessidade da relação entre língua e escrita.

Da Aula 8 para a Aula 9<sup>32</sup>, o autor desloca sua reflexão. Passa do processo de aquisição, mostrando a característica de abstração da escrita (dependência entre língua e fala), para apresentar a escrita nas sociedades primitivas, a fim de demonstrar soluções, apresentadas pelo homem, para o problema de representar algo graficamente<sup>33</sup>. No caminho percorrido, menciona a criação de várias escritas e suas peculiaridades. A partir das análises, acreditamos que dois pontos da trajetória benvenistiana devem ser mencionados: o “referente” e “tendência natural”. Explicamos.

Ao enunciar que “Quando o homem primitivo “representa” desenhando um animal ou uma cena, ele a escreve” (BENVENISTE, 1968-1969/2014, p. 137), o linguista é incisivo na afirmação de que se trata de uma escrita da realidade, não da língua, ou seja, a escrita não é um signo da língua, é signo do referente: o homem sempre começa “representando graficamente o *objeto* do discurso ou do pensamento” (BENVENISTE, 1968-1969/2014, p. 139, grifo do autor). É essa representação gráfica que Benveniste diz ser uma tendência “natural”. Dessa forma, a escrita aparece apenas como uma transcrição da fala, sem ser “signo do signo”, sem revelar o semiótico da língua “procurado” por Benveniste. A noção de escrita ligada ao

---

<sup>31</sup> Stein entrou em contato com os manuscritos das *Últimas Aulas* armazenados na caixa 40 do acervo de Richilieu, filial da Biblioteca Nacional da França, reservada a pesquisadores. Em sua leitura, encontrou um fôlio que não estava traduzido nas “Últimas Aulas” nem se encontrava referido no corpo do texto: “Esse fôlio, de número 164, integra o envelope 80, da caixa 40. Lá, encontramos os fôlios de 152 até 186. O fôlio a que me refiro é pequeno, quadrado, e, nele, Benveniste faz uma anotação ao tratar da “linguagem interior”, apontando para Vygotsky e indicando uma determinada página, mas sem mencionar o ano da publicação a que se refere.” (STEIN, 2020, p. 108). É a esse fôlio que a autora faz referência na citação transcrita.

<sup>32</sup> Retornaremos à Aula 9 no último capítulo desta tese.

<sup>33</sup> Benveniste trabalha a aquisição da escrita, e as representações dessa escrita pelos povos primitivos nas aulas, mas é importante mencionar que sua principal preocupação é pensar a escrita a partir da semiologia da língua, ou seja, pensar a correlação entre a língua e a escrita e pontuar sua reflexão semiológica sobre a escrita.

referente não nos fornece a capacidade de reconhecimento, de possibilidade de uso, já que introduz uma infinidade de relações que, por meio de imagens, descreve eventos; não é a língua, com sua capacidade de dupla significância.

Então: “O que é preciso para que esta representação gráfica se torne escrita?”. É dessa forma, por meio de um questionamento, que Benveniste (1968-1969/2014, p. 141) inicia suas considerações na Aula 10, de 17 de fevereiro de 1969. Ele responde que seria necessária uma verdadeira descoberta; “que o locutor-*scriptor* descubra que a mensagem é expressa em uma forma linguística e que é a forma linguística que a escrita deve produzir.” (BENVENISTE, 1968-1969/2014, p. 141, grifos do autor). Assim, o que separaria a representação gráfica da escrita seria a língua, o que traria “uma verdadeira revolução: a escrita tomará a língua como modelo. O *scriptor* orientará seu esforço na direção da busca de uma grafia que reproduza a fonia e, portanto, uma grafia que componha um número *limitado* de signos (BENVENISTE, 1968-1969/2014, p. 141, grifos do autor). A partir disso, o linguista esclarece e exemplifica esse acontecimento em diferentes pontos do mundo, por meios diversos (China, Mesopotâmia, Egito), em contraponto com as escritas pictográficas tratadas na aula anterior (Aula 9) que pertencem, então, ao domínio da representação icônica, ponto de partida para a representação linguística, mas sem ter a língua como modelo.

Ao continuar seu caminho, em busca de uma escrita que contemple a semantização da língua em sua discussão, na Aula 11, enfatiza que todas as invenções da escrita não podem ser consideradas “etapas de um desenvolvimento linear. Cada uma delas é um começo absoluto, independente de outros sistemas. *Cada um deles se fixa e não muda mais*: hieróglifos imutáveis; cuneiformes sempre idêntico, caracteres chineses idênticos a si mesmos. Linear B também [escrita micênica]”. (BENVENISTE, 1968-1969/2014, p. 147, grifos do autor). Mostra-nos como “exceção”, a adaptação e evolução do alfabeto grego. Ademais há uma relação entre os tipos de escritas, os tipos de línguas e os tipos de cultura, contemplados no momento em que seus “inventores projetam em sua escrita o tipo de representação que fazem de sua língua.” (BENVENISTE, 1968-1969/2014, p. 151, grifos do autor). Essa representação implica a ideia de apresentar novamente, mas de outra maneira, a própria língua. Assim, há, segundo o linguista, uma “materialização” do fluxo da fala. Quando se refere a esse fluxo, ele formula uma importante distinção entre *fala primária* e *fala secundária*. Nessa distinção, notamos, explicitamente, a escrita identificada na segunda fala mencionada.

A fala primária é um fluxo de palavras, um contínuo. A fala secundária (a escrita) também é, em muitos casos, um contínuo (os textos epigráficos se apresentam sem separação de palavras). Ela também pode ser afetada por separações. A pontuação é a expressão em linguagem secundária das divisões e entonações sintáticas da linguagem primária: fim de enunciado (BENVENISTE, 1968-1969/2014, p. 152).

A resposta à pergunta inicial do texto *Semiologia da língua* (1969), “Qual é o lugar da língua entre os sistemas de signos?” (1969/2006, p. 43), é apresentada ao longo do texto mencionado, mas, em *Últimas aulas*, essa resposta volta a ser reiterada na aula do dia 27 de janeiro: “creio que a principal diferença entre a língua e os “sistemas semiológicos” é que nenhum sistema é capaz de “se tomar”, ele próprio, como objeto, nem de se descrever em seus próprios termos” (BENVENISTE, 1968-1969/2014, p. 120). E, ainda, o linguista esclarece, da mesma forma, em outras passagens, sobre a propriedade que tem a língua de tudo semiotizar, inclusive a si mesma, tanto que na Aula 12, os itens 1 e 2 são nomeados como “1. A língua semiotiza tudo” e “2. A língua semiotiza a si mesma” (1968-1969/2014, p. 157, grifos do autor). Ou seja, significa tudo, enuncia valores das relações humanas, interpreta o próprio discurso.

Porém, na Aula 12, a escrita (não mencionada no texto de 69) aparece incluída nessa propriedade de semiotização da e na língua: ao discutir sobre “autossemiotização da língua”, nosso teórico elucidada que a escrita é o “instrumento que permitiu à língua semiotizar a si mesma” (BENVENISTE, 1968-1969/2014, p. 155), sempre e por toda parte. O falante, considerando a língua como significante, ao se deter sobre ela, não sobre as coisas ditas, faz observações (diferenças, identidades) as quais “se fixam em representações gráficas que objetivam a língua e suscitam, enquanto imagens, a própria materialidade da língua” (BENVENISTE, 1968-1969/2014, p. 155). Ele afirma que a escrita é o instrumento responsável pela autossemiotização da língua e justifica por meio de duas proposições, uma ligada à propriedade metalinguística, e outra, à objetivação dessa língua:

- 1) A língua é o único sistema significante que pode descrever a si mesmo em seus próprios termos. A propriedade metalinguística é própria da língua, pelo fato de ela ser o interpretante dos outros sistemas.
- 2) Porém, para que a língua se semiotize, ela deve *proceder a uma objetivação de sua própria substância*. A escrita *torna-se* progressivamente o instrumento dessa objetivação formal. (BENVENISTE, 1968-1969/2014, p. 155-156, grifos do autor).

Assim, podemos perceber que a escrita torna possível a tomada de consciência da existência da língua, no momento de sua materialização em uma imagem da língua. Fenoglio (2017, p. 288) argumenta que o verdadeiro avanço de Benveniste sobre a questão da escrita está expresso na seguinte passagem da Aula 12, de 03 de março de 1969: “Pode-se dizer que a escrita foi e que ela é, em princípio, um meio paralelo à fala de contar as coisas ou de dizê-las a

distância e que, progressivamente a escrita se literalizou, conformando-se em imagem cada vez mais formal da língua.” (BENVENISTE, 1968-1969/2014, p. 156). Essa literalização parece-nos necessária para reafirmar a relação entre a língua e a escrita, da mesma forma que Benveniste disse necessária a dupla significância da língua na escrita.

A escrita auxilia-nos a entender, mais claramente, duas afirmações benvenistianas já mencionadas no início da apresentação desta aula (Aula 12): “1. *A língua semiotiza tudo*” e “2. *A língua semiotiza a si mesma*” (BENVENISTE, 1968-1969/2014, p. 157, grifo do autor). A primeira afirmação, relacionada ao modo como a língua significa os outros sistemas semiológicos, mostra que ela tem a capacidade de significar todo comportamento em sociedade, toda relação humana. Tudo que é enunciado, independente do sistema utilizado, pode ser ordenado pela língua. À segunda afirmação, a qual diz respeito ao modo como a língua significa, acrescentaríamos: A língua semiotiza a si mesma por meio da escrita. Aqui, a escrita adquire outra função<sup>34</sup>: “a partir do discurso, ela se torna, pouco a pouco, o meio de representar o próprio discurso, logo os elementos do discurso, logo os elementos desses elementos (sons/letras).” (BENVENISTE, 1968-1969/2014, p. 157). Dessa forma, a escrita possibilita a formalização, a materialização da língua. Nas palavras de Flores (2018, p. 409), “A escrita seria, então, a prova de que a língua interpreta a si própria. A escrita é a evidência da autossemiotização da língua”. Com ela, podemos “pensar” sobre a língua como um sistema de dupla interpretância, sua característica peculiar.

Na Aula 13, Benveniste reconhece a estreita ligação entre os tipos de escrita e de língua e, também, “entre a maneira de dissociar os elementos da fala e a maneira de escrever esses elementos” (BENVENISTE, 1968-1969/2014, p. 161). Nosso linguista propõe a ideia de que a relação entre a grafia e a fonia seria anterior à análise da linguagem. Para isso, expõe os relatos de Platão “mas sem fazer referência, como se faz tradicionalmente nas questões de linguagem, ao *Crátilo*, e sim ao *Filebo*” (FENOGLIO, 2017, p. 290). Diz ser necessário considerar as observações de Platão em sua fala inicial sobre o prazer, um só, porém com possibilidades infinitas de sensações. O ponto central é essa relação estabelecida entre o “um” e a diversidade:

o discurso comporta o limite e a ilimitação (*peras e apeiria*). Os dois aspectos, unidades e diversidade, são condicionados pelo fato de existir, ao mesmo tempo, um limite e um não limite. Deve-se, então, dada essa organização das coisas, colocar em qualquer conjunto que seja, e buscar em todos os casos essa forma única sempre presente, e depois ver se, eventualmente, há duas formas, e somente duas, três ou mais. [...]. A unidade se delimita na totalidade. E nos “um” (*ta en*), cada um deve ser submetido à mesma dissociação até que nesse “um” primitivo se veja que ele contém

<sup>34</sup> Quando nos referimos à mudança de função da escrita, queremos dizer que ela não é mais um referente, ou seja, um instrumento que serviria de ícone para representar o real.

eventualmente muitos elementos e quantos. A operação consiste em tomar as unidades em uma ordem hierárquica. Em cada nível de análise, devemos enumerar as unidades. É preciso reduzir a diversidade dos elementos ao que é possível contar. (BENVENISTE, 1968-1969/2014, p. 163 [nota de ouvinte]).

Ao finalizar a aula de 10 de março, Benveniste apresenta-nos a noção de limite, a partir, novamente, de uma reflexão oriunda de Platão. Essa noção de *limite* é usada para pensar a relação entre língua e escrita: “Essa noção de *limite* é capital: ela constitui a análise da língua do ponto de vista formal e condiciona o método das primeiras invenções da escrita propriamente dita” (BENVENISTE, 1968-1969/2014, p. 164, grifo do autor). Portanto, refletir sobre o semiótico da língua, com unidades que devem ser reconhecidas e partilhadas, também implica pensar a escrita como sistema formal, com unidades limitadas.

No início da Aula 14, Benveniste esclarece que seu objetivo nesta aula é estudar a escrita enquanto *operação*: “[...] estudamos a escrita enquanto *fenômeno* e na perspectiva da língua para analisar o seu funcionamento. Hoje, gostaria de considerar a escrita enquanto *operação* e em suas *denominações*” (BENVENISTE, 1968-1969/2014, p. 167, grifos do autor). A análise da escrita enquanto *fenômeno* “envolve necessariamente pensar na autointerpretância e na autossemiotização da língua”, ao passo que estudar a escrita enquanto *operação* “envolve, ao que parece, pensar a questão da designação da língua” (TITELLO, 2019, p. 171), já que a operação, para ter existência, necessita ser denominada<sup>35</sup>. Para Benveniste (1968-1969/2014, p. 167), há um processo linguístico de denominação instaurado e que precisa ser analisado: “como uma língua nomeia o ato que lhe dá expressão escrita”, pois, se já sabemos o que os termos empregados designam (um referente) o ato de escrever, resta-nos elucidar os seus significados. Para nosso linguista, o importante é a distinção entre designação e significação. A respeito do exposto, citamos Fenoglio:

uma distinção que vai muito além do campo de estudo da escrita e sobre a qual será preciso perguntar-se em que termos se dá sua relação com o par convencional que ele descobre (em todos os sentidos do termo) em “Sémiologie de la langue” (Semiologia da Língua), a saber, o par “semiótica e semântica, que funda sua teoria da enunciação. Benveniste faz a ponte entre sua atividade comparatista e sua atividade de linguista generalista. Na maior parte do tempo, os dois aspectos são evocados separadamente; encontramos-nos, com esse trabalho sobre a escrita, no cruzamento, precisamente no ponto em que uma das duas atividades enriquece a outra. (FENOGLIO, 2017, p. 291).

---

<sup>35</sup> Benveniste expõe, como já mencionado, que o seu objetivo na Aula 14 é considerar a escrita enquanto operação e em suas denominações, debruçando-se, pois, no modo como as diferentes línguas nomearam/designaram o ato de escrever. Apesar de sabermos dessa possibilidade de estudo, na presente tese, estudaremos a outra possibilidade, a escrita enquanto fenômeno, já que se encontra ligada à perspectiva da língua, portanto, semiológica.

Entretanto, apesar de concordar com uma ordem imposta pela experiência e pela pedagogia, ou seja, primeiro ler, depois escrever, Benveniste defende não ser essa a ordem da invenção: “É o escrever que foi o ato fundador” (1968-1969/2014, p. 167), o qual provocou transformações em todo o perfil das civilizações, um instrumento de revolução profunda, contudo sem atingir todas as civilizações da mesma forma. Isso leva à conclusão, nas últimas duas linhas da Aula 14, que “Não se viu imediatamente a estreita associação, consubstancial, para nós característica, da escrita com a língua.” (BENVENISTE, 1968-1969/2014, p. 172 [nota de ouvinte]). Essa afirmação será contemplada no início da Aula 15, mas ressignificada.

Finalizando as Aulas do capítulo 2, com data de 24 de março de 69 (Aula 15), Benveniste inicia, explicitando o objetivo de suas análises e reflexões feitas em suas aulas: “Nosso propósito era o de estudar a língua, depois sua relação com a escrita, para ver como uma e outra *significavam*” (BENVENISTE, 1968-1969/2014, p. 173). O estudo da língua, da semiologia da língua, foi realizado, com mais afinco no capítulo 1, intitulado **Semiologia**, enquanto as aulas sobre a escrita, no capítulo 2, **A língua e a escrita**, “o que confirma a intenção do linguista de estudar esse vínculo e de que modo ele se dá.” (TITELLO, 2019, p. 172). A escrita não é um outro sistema, distinto da língua, como é, por exemplo, a língua e sua relação com a pintura, com a música. A relação entre a língua e a escrita é de *autossemiotização*.

A afirmação é enfática: “a língua e a escrita significam exatamente da mesma maneira” (BENVENISTE, 1968-1969/2014, p. 173). “A aproximação entre /língua/ e /escrita/ permite estabelecer uma relação de homologia entre /falar/ e /ouvir/, de um lado, e /escrever/ e /ler/ de outro. Em outras palavras, /falar/ está para /ouvir/ assim como /escrever/ está para /ler/.” (BENVENISTE, 1968-1969/2014, p. 173 [nota de ouvinte]). A língua, por suas propriedades significantes, pode interpretar a si própria e aos demais sistemas. Isso se materializa na escrita, a qual Benveniste considera “*uma forma secundária da fala*.” (BENVENISTE, 1968-1969/2014, p. 173, grifos do autor). Seria como a transferência da audição para a visão. Assim, a escrita ainda é fala, mas de uma forma secundária. Essa forma secundária da escrita é explicada pela sua dupla propriedade – semiótica e semântica – (característica do discurso).

A fala e a escrita significam do mesmo modo, ambas comportam a dupla significância, uma vez que são manifestações do linguístico, do sistema semiológico da língua. A diferença entre elas [...] é que a escrita se constitui a partir da relação entre língua-fala, na medida em que a língua se retorna sobre si mesma para produzir um sistema a sua imagem.” (TITELLO, 2019, p. 172).

Se a língua é interpretante e permite colocar em relação os “sistemas aparentados”, surge um questionamento: “Qual é a relação entre a língua e a escrita, colocadas, uma e outra, como

sistemas significantes? (BENVENISTE, 1968-1969/2014, p. 178 [nota de ouvinte]). A resposta de Benveniste segue imediata, tendo por base Saussure, no *Curso de linguística geral* (CLG, 2006, p. 34)<sup>36</sup>: “Língua e escrita são dois sistemas distintos de signos; a única razão de ser do segundo é representar o primeiro”. Todavia, a análise não para nesse ponto, e outro questionamento surge: “Que sentido dar a essas duas definições em que uma se apoia sobre a “signo” e a outra sobre a de “representação?”<sup>37</sup>. (BENVENISTE, 1968-1969/2014, p. 178 [nota de ouvinte]). Novamente, a questão é respondida: quanto ao signo linguístico, responde que ele é tido somente com uma compreensão comum, não técnica; quanto à “representação”, nosso teórico volta a mencionar a escrita representando uma forma secundária de fala (sempre primeira). É a escrita, “a fala transferida”, que permite a semiotização da língua a si mesma.

Dessa forma, não conseguiríamos, ou melhor, seria impossível fazer qualquer reflexão que envolvesse a linguagem se não dispuséssemos dessa “linguagem invisível”, termo usado por Benveniste ao se referir à escrita. Lembrando que esse sistema secundário (a escrita) está sempre pronto a se tornar fala, e que a escrita é secundária não porque é considerada menos importante, mas porque a fala é primeira, transferida da voz para a mão. A passagem que citaremos na sequência é dotada de um brilhantismo tão intenso que merece aparecer na íntegra, lida, relida e apreciada:

A escrita é a fala convertida pela mão em signos falantes. A mão e a fala se sustentam na invenção da escrita. A mão prolonga a fala.  
O sistema primário voz (a boca) – orelha é *revezado* (*relayé*) pelo sistema secundário mão (a inscrição) – olho. A mão tem o papel de emissor traçando as letras, e o olho se torna receptor coletando os traços escritos.  
Entre a boca e a orelha, o elo é a *fonia* emitida-ouvida; entre a mão (a inscrição) e o olho, o elo é a *grafia* traçada-lida. (BENVENISTE, 1968-1969/2014, p. 179 [nota de ouvinte]).

Os questionamentos seguem: “Ler” e “escrever”: mas, inicialmente, entre a “pictografia” e a “escrita”, onde está a fronteira?” (BENVENISTE, 1968-1969/2014, p. 180). A resposta de nosso teórico é objetiva e se pauta na argumentação de que a pictografia não pode ser lida, só compreendida e que a escrita só é caracterizada como escrita porque pode ser lida. Ler e escrever são duas operações indissociáveis, é como se uma representasse o avesso de outra. Benveniste, da mesma forma, apresenta a relação da leitura e da escrita ligadas à fala e

<sup>36</sup> No CLG, de onde retiramos o fragmento, a organização das palavras, na nossa edição, aparece um pouco diferente do que na citação de Benveniste, mas nada que altere o sentido original. Na citação das *Últimas aulas* (1968-1969/2014, p. 178, grifos nossos) lê-se: “Língua e escrita são dois *sistemas de signos distintos*; a única razão de ser do segundo é *a de* representar o primeiro”. No CLG (2006, p. 34, grifos nossos): “Língua e escrita são *dois sistemas distintos de signos*; a única razão de ser do segundo é representar o primeiro”.

<sup>37</sup> Retornaremos a essa discussão no Capítulo 3.

diz que é “simétrica à da fala ouvida com a fala enunciada, “Ler” é “ouvir”; “escrever” é “enunciar””. (BENVENISTE, 1968-1969/2014, p. 181). Portanto, a relação ente o sistema primário (fala) e o secundário (escrita) acontece no momento em que se coloca a escrita como um prolongamento da fala, em que aquela se torna um revezamento desta.

Ao finalizar a Aula 15, retoma ser a língua portadora de duas maneiras diferentes de significar, sua característica exclusiva: a primeira acontece enquanto conjunto de signos, que devem ser reconhecidos pela escrita, mas sem qualquer ligação com seu emprego; a segunda maneira acontece enquanto agrupamento de signos portadores de significação, capazes de construir enunciados que signifiquem. O modo de constituição da escrita tornou possível “olharmos” para a língua enquanto sistema composto de unidades articuladas em forma e sentido, na noção de dupla significância que ela possui e a escrita materializa.

Benveniste apresenta-nos, nestas aulas, a escrita como mais um problema de linguística a ser analisado, pois temos um processo de conversão da escrita que necessita retomar a consciência do locutor sobre o enunciado, bem como sua capacidade de reconhecer um número de signos limitado. Ademais, a separação da língua de sua utilização deve acontecer para que haja a formalização da escrita. É este processo complexo em que nosso teórico trabalha, em um percurso abordando tanto a aquisição da escrita, quanto a sua relação representativa nas sociedades primitivas. Afinal, Benveniste era o homem das línguas, estudioso por excelência das línguas. E culmina, no que nos parece sua principal preocupação: o pensar da escrita a partir da semiologia da língua com o intuito de esclarecer, explicitar, ou seja, tornar “real” a relação intrínseca da escrita com a língua, esse sistema peculiar frente aos demais, o sistema interpretante. A escrita é, dessa forma, apresentada como um outro modo de ser língua.

É essa escrita, um sistema semiológico que revela, materializa a língua que nos interessa nesta tese, para tentar esclarecer qual é a função do *emoji* no campo da escrita, concebida por meio dessa semiologia benvenistiana e compreender como eles contemplam o que diz Benveniste, em *Últimas aulas* (1968-1969/2014) sobre a natureza da escrita na sua relação com a língua, ao abordar a representação da língua pela escrita, a comprovação da autossemiotização.

Antes de contemplarmos a realização dos objetivos propostos na íntegra, é o momento de passarmos, no próximo item, para o Capítulo 3, *Última aula, últimas notas* (infelizmente), no qual Benveniste continua se dedicando ao estudo sobre os problemas do sentido na língua. Sim! Benveniste é o linguista da significação! Não poderia ser diferente.



## 2.2 A 1ª AULA, A ÚLTIMA AULA: DOIS MUNDOS E DUAS LINGUÍSTICAS NA CONSTRUÇÃO DA SIGNIFICAÇÃO DA LÍNGUA

Neste item, abordaremos, especificamente, o terceiro capítulo correspondente à primeira aula do ano letivo seguinte, 1969-1970, na qual Benveniste continua tratando da semiologia. Infelizmente, essa primeira aula, ocorrida no dia 1º de dezembro de 1969, é a última aula proferida por Benveniste no Collège de France. “Cinco dias depois, em 6 de dezembro, Benveniste sofre um acidente vascular cerebral que o paralisa e o deixa afásico, enclausurando-o e silenciando sua voz”. (ROSÁRIO, 2019, p. 35). Vamos à aula.

O linguista inicia sua aula esclarecendo que o estudo realizado no ano anterior continuaria, ou seja, falaria sobre os problemas do sentido na linguagem, em especial, entre os sistemas semiológicos, o da escrita. Rememora que, durante muito tempo, escolas linguísticas negaram “qualquer validade ou mesmo qualquer interesse aos problemas do sentido”. (BENVENISTE, 1968-1969/2014, p. 185), mas que, “agora” as circunstâncias objetivas seriam mais favoráveis. Esse posicionamento de afastar tudo o que diz respeito à significação da língua, foi feito de várias maneiras, por omissão ou por redução. Explicamos.

No que se refere à omissão, a convicção apresentada e tida como verdade científica, estaria atrelada a outras ciências, não à linguística. “não podemos analisar o sentido enquanto não tivermos encontrado um sistema de análise linguística do qual poderíamos extrair todas as relações que dele dependam.” (BENVENISTE, 1968-1969/2014, p. 186 [nota de ouvinte]). Quanto à redução, como o próprio nome já faz menção, o problema do sentido seria reduzido a dimensões particulares “de modo a poder integrá-lo em um sistema de interpretação tendo uma validade reconhecida.” (BENVENISTE, 1968-1969/2014, p. 186 [nota de ouvinte]). Como exemplo, aparece o nome de Bloomfield, o qual considera ser a única forma de apreender o sentido, é integrando-o a uma análise comportamental. Felizmente, por redução, nenhum progresso foi realizado.

Diante de todas essas refutações quanto ao estudo da significação, Benveniste questiona “Como definir e onde estudar a significação?”. (BENVENISTE, 1968-1969/2014, p. 188). Uma de suas primeiras constatações reside no fato de que a significação, sendo parte integrante da língua, “[ela] se distribui em cada uma das unidades da língua e se incorpora a cada uma delas [...]”, (BENVENISTE, 1968-1969/2014, p. 188, grifos nossos), o que as torna signos, uma vez que são unidades significantes. Benveniste igualmente considera como outra razão para que não se interrompa o estudo dos sentidos, a possibilidade da formulação de novos problemas. Nas palavras do linguista:

Partimos desta concepção de que a língua inteira é informada e articulada pela significação. Ela não poderia funcionar de outra maneira, e essa é, aliás, sua razão de ser; sem o que não haveria, de um lado, pensamento, e de outro, sociedade, *não haveria, portanto, ser*, e ninguém para constatar-lo. Trata-se de fato de uma visão insustentável pelo fragmento do não ser, quero dizer que não podemos enfrentar uma tal representação: uma humanidade que ignoraria a linguagem e que, no entanto, seria posta na existência. (BENVENISTE, 1968-1969/2014, p. 188, grifos do autor).

Benveniste explana que sem a significação, a língua não é possível. Por isso, não podemos estudar o sentido fora da língua, nem o contrário disso. Menciona que “esses signos são coordenados uns aos outros” (BENVENISTE, 1968-1969/2014, p. 189) e formam sistemas, citando a concepção saussureana “A língua é, portanto, um sistema de *signos*.” (BENVENISTE, 1968-1969/2014, p. 189) e, além da língua, existem outros sistemas de signos e que esse estudo, segundo Saussure, deveria ser confiado à semiologia. E Benveniste afirma, como em escritas anteriores: “É preciso partir daqui para ir mais longe.” (BENVENISTE, 1968-1969/2014, p. 189), uma vez que esse “entrar” da língua em um conjunto mais amplo de sistemas sóicos é considerado, por nosso teórico, um passo fundamental na história do pensamento moderno.

Já que a enunciação não pode ser considerada uma acumulação de signos, porque “pertence a uma outra ordem de sentido” (BENVENISTE, 1968-1969/2014, p. 189), nosso linguista considera ser impossível “passar do signo” à “frase.” (BENVENISTE, 1968-1969/2014, p. 189). Com a frase, adentramos no domínio semântico, no domínio do sentido, diferente do signo, pertencente ao domínio semiótico. Assim, não há possibilidade de construir nada com unidades, já que a frase é um contínuo.

Mas como organizar a relação semiótica entre os sistemas semióticos? Benveniste menciona três relações para essa organização já trabalhadas em *Semiologia da língua* (1969) e apresentada nesta tese no Capítulo 1, mais precisamente no item 1.1 A SEMIOLOGIA DA LÍNGUA EM BENVENISTE: TEXTO DE 69: relação de engendramento, relação de homologia e relação de “interpretância”. Retomá-la-emos, de forma sucinta.

- ⇒ Relação de engendramento: sistemas distintos, mas contemporâneos. Existe um sistema gerador e um gerado.
- ⇒ Relação de homologia: correlações termo a termo entre dois sistemas completamente diferentes.
- ⇒ Relação de “interpretância”: sistema interpretante e sistema interpretado. Nessa relação, a língua tem um caráter singular, dado que pode tudo interpretar, inclusive a si mesma (dupla significância).

A partir da apresentação dessas três relações, Benveniste distingue duas noções ao falar em semiótico:

- 1) A de estrutura formal semiótica dada pelas noções de “signo” e de “sistema de signos”;
- 2) A de funcionamento semiótico, ausente da concepção saussuriana de língua. Se a língua pode ser um interpretante geral, é porque não é apenas um sistema no qual manejamos signos. Trata-se do único sistema no qual podemos formar frases. (BENVENISTE, 1968-1969, 2014, p. 191 [nota de ouvinte]).

Com essas relações apresentadas e, não negando Saussure, todavia, afirmando que apontar “A doutrina saussuriana cobre apenas, sob as espécies da língua, a parte semiotizável da língua, seu inventário material. Ela não se aplica à língua como produção.”<sup>38</sup> (BENVENISTE, 1968-1969/2014, p. 192), insere-nos em outro nível, em que novas relações devem ser edificadas, o nível semântico, aquele produzido pelo discurso, pela enunciação. Assim, “Percebemos, portanto, uma distinção entre dois mundos e duas linguísticas [...]” (BENVENISTE, 1968-1969/2014, p. 191), o mundo das formas opostas e distintivas (semiótico), e o mundo dos sentidos construídos e produzidos a cada ato enunciativo (semântico)<sup>39</sup>, em determinada situação e que configuram esse acontecimento. “Desse modo, como em *Semiologia da língua*, em *Estruturalismo e linguística* e em suas aulas no Collège de France, a distinção semiótico/semântico é mobilizada (tanto em relação à língua quanto em relação aos sistemas não linguísticos) em uma perspectiva semiológica.” (ROSÁRIO, 2018, p. 450). Essas duas dimensões da língua articulam-se na e pela escrita, para que se realize o reconhecimento no que se refere à distinção no mundo semiótico e a compreensão no semântico.

Logo, não há como considerar a semiologia restrita ao signo. A semiologia deve ser da língua, articulada no semiótico e semântico, pois ela é interpretante e, para sê-lo, necessitamos de uma reflexão sobre toda a língua. “A competência ou a capacidade de interpretância é, por isso, compreendida em seu aspecto funcional como mecanismo técnico operacional da língua”. (ROCHA; TOLDO, 2019, p. 111). Com a língua, tudo é possível de ser transcrito, até ela mesma, e essa viabilização é dada pela escrita.

---

<sup>38</sup> Rosário (2019, p. 149) observa que “é bastante plausível supor que a metassemântica seria igualmente discutida no Collège de France, nas aulas que não aconteceram, pois compara duas citações feitas por Benveniste. A primeira também citada por nós “A doutrina saussuriana cobre apenas, sob as espécies da língua, a parte semiotizável da língua, seu inventário material. Ela não se aplica à língua como produção” (BENVENISTE, 1968-1969/2014, p. 192). E a outra, uma passagem de *Semiologia da língua* (1969) que antecede o final do artigo: “A semiologia da língua foi bloqueada, paradoxalmente, pelo instrumento mesmo que a criou: o signo” (BENVENISTE, 1969, p. 67), já que é nesta passagem que Benveniste propõe a ultrapassagem da noção de Saussure, sobre o signo, como princípio único, sob uma via linguística e outra semiológica.

<sup>39</sup> Na página 33, mencionamos que, na aula do dia 27 de janeiro de 1969, Benveniste já apontava para o nível semântico e para o semiótico, mas sem nomeá-los: “A significação é, na língua, organizada em dois níveis (BENVENISTE, 1969/2014, p. 122 [nota de ouvinte]).

Ao encerrarmos este capítulo, acreditamos ter contemplado aspectos da “teoria” da semiologia da língua de Émile Benveniste necessários para que, na sequência – Capítulo 3 –, possamos defender a nossa hipótese de que o *emoji* é um elemento pertencente à escrita, uma possibilidade de representação da língua por essa escrita, a fala secundária que Benveniste nos apresenta nas *Últimas aulas*, capaz de condensar uma simultaneidade de sentidos. Logo, o *emoji* pode ser considerado um elemento da mesma natureza do que a escrita ao pensarmos a proposta de Benveniste nas *Últimas aulas* (1968-1969/2014), em que apresenta a natureza da escrita por meio da interpretância da língua.

### CAPÍTULO 3

#### A ESCRITA E O EMOJI: O QUE DIZER? COMO DIZER? HÁ O QUE DIZER?

“Quando não escrevo, morro. Quando escrevo, também.”  
(Gabriel Garcia Marquez)

Atracamos no nosso último Capítulo da tese (sem dúvida alguma, início de várias reflexões). Até essa parada, fascinamo-nos, novamente, com a genialidade dos apontamentos do mestre Émile Benveniste, sempre “obstinado pelo conhecimento” (FLORES, 1968-1969/2014, p. 10). *Últimas aulas* (1968/1969-2014) contemplam as reflexões referentes a duas problemáticas específicas: a semiologia e a escrita.

Se o nosso objetivo geral da tese é estudar como o *emoji* comporta a reflexão de Benveniste sobre a natureza da escrita na sua relação com a interpretância da língua, cabe-nos, primeiramente, apresentar essa linguagem, para – em seguida – estudar a língua enquanto sistema interpretante de todos os outros sistemas, a fim de comprovar a tese apresentada: a hipótese de considerarmos o *emoji* um elemento de propósito semelhante ao da escrita, já que pode ser tratado pela interpretância dessa língua. O *emoji*, um elemento pertencente à escrita, seria uma possibilidade de representação da língua por ela, a reapresentação, a representação da representação, a fala secundária que Benveniste nos apresenta nas *Últimas aulas* (1968/1969-2014), capaz de condensar uma série de informações, uma simultaneidade de sentidos.

Os *emojis* são figuras representativas de sentimentos e emoções utilizadas em enunciações particulares, em que “a definição do signo não se precisará senão com o desenvolvimento de uma semiologia ainda indecisa” (BENVENISTE, 1969/2006, p. 59), mas possível de ser analisada se a noção de unidade estiver no âmago de nossa problemática atrelada à subjetividade do locutor o qual enuncia sempre num determinado tempo e espaço, pois somente no sistema que o integra é possível definir o valor do signo.

Neste capítulo, primeiramente, apresentaremos um breve relato sobre o *emoji*, no item 3.1, A LINGUAGEM HUMANA MANIFESTANDO-SE POR MEIO DOS EMOJIS, e alguns pontos considerados relevantes para que possamos compreender suas características e suas possibilidades de uso. Acreditamos que há impacto significativo gerado pelas tecnologias de comunicação digital na interação humana, especialmente quando mediadas por tecnologias móveis, e, como consequência, introduzem-se mudanças na linguagem e na participação social

dos envolvidos na comunicação digital, os quais se apropriam da língua e se tornam sujeitos numa relação semiológica entre sistema interpretante (a língua) e sistema interpretado (o *emoji*).

Após apresentarmos essas reflexões no item 3.2, SIM! O *EMOJI* É UM ELEMENTO DA MESMA NATUREZA DO QUE A ESCRITA SOB A PERSPECTIVA DA INTERPRETÂNCIA DA LÍNGUA, encontramos nosso maior desafio, responder, claramente, às nossas duas questões norteadoras: Que função tem o *emoji* no campo da escrita? Tendo em vista que Benveniste, em suas Últimas aulas, formula uma hipótese sobre a natureza da escrita na sua relação com a língua, como os *emojis* contemplam o que diz Benveniste nessa relação? Portanto, precisamos continuar a travessia, estamos apreensivos, mas é necessário chegarmos ao fim da viagem, mesmo com todas as incertezas dos recortes já apresentados e dos deslocamentos que ainda virão. Embarquemos novamente.

### 3.1 A LINGUAGEM HUMANA MANIFESTANDO-SE POR MEIO DOS *EMOJIS*

Esta seção destaca a presença do *emoji* entre as formas de enunciação humana: sempre presente, sempre significando, sempre estabelecendo relações entre homens que vivem em sociedade. Nosso objetivo neste item é contextualizar essa forma de linguagem/comunicação<sup>40</sup>, para, posteriormente, fazer as relações com a escrita e a interpretância da língua. Iniciamos esta reflexão sobre os *emojis*, resgatando, brevemente, algumas informações acerca de seu surgimento, utilização e a cultura – visto que tratamos de um processo comunicativo de homens, entre homens, interligados por uma cultura<sup>41</sup>.

Os primeiros *emojis* surgiram no Japão na década de 1990<sup>42</sup>. Eram um conjunto de desenhos utilizados pelos homens para se comunicarem. Suas características eram “a concisão visual e a rapidez na transmissão de significados convencionais, aos moldes dos ideogramas que compõem a linguagem escrita naquele país.” (POMPEU; SATO, 2018)<sup>43</sup>. Logo, atendem

<sup>40</sup> Entendemos comunicação, aqui, como uma forma de interação entre os homens.

<sup>41</sup> Flores (2017a, p. 88), ao nomear Benveniste como “linguista de muitas faces”, argumenta sobre a importância do viés antropológico da teoria da linguagem benvenistiana: “Minha hipótese é que Benveniste possibilita ancorar uma linguística verdadeiramente preocupada com as formas da presença do homem na língua; uma presença inventiva que não poderia ser desvinculada da noção de cultura”.

<sup>42</sup> Os *emojis* são descendentes dos emoticons e contemplam todas as representações faciais deste, além de uma extensa família de ícones com variações gestuais, corporais, simbólicas, comemorativas, animais, objetos, entre muitas outras. O termo “emoticon” deriva do inglês “emotion” (emoção) e “icon” (ícone). O primeiro emoticon foi um “simile” (“sorriso” em português), representado pela junção dos caracteres “dois pontos” seguidos de um “hífen” e “fecha parênteses”. O resultado gráfico desta combinação remete a um rosto feliz. Foi criado em 1982 por Scott Fahlman, na época professor assistente de pesquisa de ciências da computação da Universidade Carnegie Mellon, nos Estados Unidos”. (SILVA; CASTRO, 2016, p. 157-158).

<sup>43</sup> Segundo informações de Negishi (2014), os primeiros *emojis* foram criados por Shigetaka Kurita para uma companhia telefônica japonesa, a NTT Docomo. Mas sua popularização só ocorreu com a introdução, em 2011,

a um propósito enunciativo cujo vínculo se relaciona a uma esfera da atividade humana (Figuras 1 e 2).

Figura 1- *Emojis 1*



Fonte: google.com (2020a [s.p.])<sup>44</sup>

Figura 2- *Emojis 2*



Fonte: google.com (2020b, [s.p.])<sup>45</sup>

A palavra "Emoji" foi oficialmente incluída no dicionário inglês Oxford e é definida como "ícone de expressão para mensagens". Deriva das expressões japonesas. "E" (imagem) e "Moji" (personagem), traduzidas ao português como "pictograma". Freire (2017) esclarece que

---

pela Apple, nos aparelhos com sistema operacional dos smartphones (IOS) e, em 2013, também no sistema Android. Segundo informações do site Emarketer.com (2015), as pessoas, por meio de seus aplicativos móveis, enviam mais de seis bilhões de emoticons e stickers. Neste texto *Who needs word when you have Emojis?*, o autor ora menciona emoticon, ora emoji, ora sticker. Lembrando que há diferenças entre eles: a) emoticon – pictograma criado por meio de sinal de pontuação e números e caracteres especiais; b) emoji – ícone ilustrado, geralmente embutido nos teclados dos smartphones atuais. c) sticker: criadas a partir de desenhos e de nossas próprias fotos.

<sup>44</sup> Disponível em:

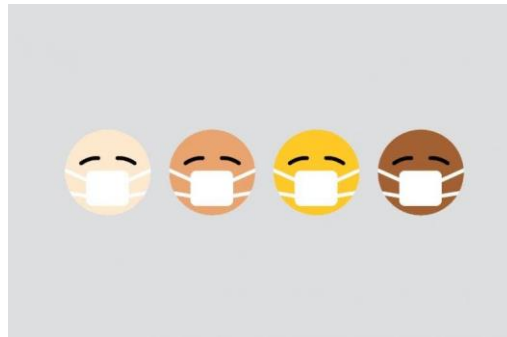
[https://www.google.com/search?q=emoji+caras&tbm=isch&ved=2ahUKEwiCwcHEgcbqAhVYLrkGHWpcAmQQ2- \[..\].](https://www.google.com/search?q=emoji+caras&tbm=isch&ved=2ahUKEwiCwcHEgcbqAhVYLrkGHWpcAmQQ2- [..].) Acesso em: 11 jul. 2020a.

<sup>45</sup> Disponível em:

[https://www.google.com/search?q=EMOJIS&sxsrf=ALeKk03mSQPVpKgEjVZeW12PpS9gGccLwQ:1594654165455&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=2ahUKEwj868jYxcrqAhU\[...\].](https://www.google.com/search?q=EMOJIS&sxsrf=ALeKk03mSQPVpKgEjVZeW12PpS9gGccLwQ:1594654165455&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=2ahUKEwj868jYxcrqAhU[...].) Acesso em: 13 jul. 2020b.

são utilizados como ferramentas multimodais dos aplicativos, *sites* e programas de conversação digital, contudo verificamos sua aplicação *off-line*, ou seja, na publicidade, questionários de satisfação, estampas de camisas, almofadas, embalagens de biscoitos e preservativos, placas de sinalização do tipo “sorria, você está sendo filmado”; e, até mesmo, em um contexto lúdico, substituintes da letra de música e livros. Todo início de ano, a Unicode<sup>46</sup> lança novos *emojis* para serem incorporados aos aplicativos dos mais diversos tipos. Em 2020, foram lançados 117 novos<sup>47</sup>. Um exemplo de criação de um “novo” *emoji* é o que representa o momento de pandemia desencadeado pelo COVID-19 (Figuras 3, 4 e 5):

Figura 3 – *Emojis* pandemia



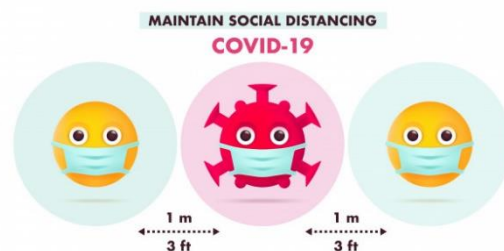
Fonte: Folhapress (2020)<sup>48</sup>

Figura 4 – *Emojis* pandemia



Fonte: google.com (2020c, [s.p.])<sup>49</sup>

Figura 5 – *Emojis* pandemia



Fonte: google.com (2020c, [s.p.])

<sup>46</sup> Unicon é um padrão adotado mundialmente que possibilita aos computadores representar e manipular, de forma consistente, textos de qualquer sistema de escrita existente.

<sup>47</sup> Link do vídeo dos *emojis* lançados em 2020: <https://www.youtube.com/watch?v=4HJhBUIVul8>. Para confirmação, colocamos o endereço de outro vídeo, publicado pela Emojipédia: <https://www.youtube.com/watch?v=cxRDjci6POs>.

<sup>48</sup> Disponível em: <https://www.nsctotal.com.br/noticias/durante-a-pandemia-emojis-felizes-dao-lugar-a-rosto-com-mascara-e-choro>. Acesso em 11 jul. 2020.

<sup>49</sup> Disponível em:

<https://www.google.com/search?q=emojis+m%C3%A3os+dadas&tbm=isch&ved=2ahUKEwjoqO3Vv9DtAhWpJrkGHaBiCSsQ2-> [...]. Acesso em: 2 de dez. 2020c.



Consoante essa perspectiva, os *emojis* podem ser compreendidos como unidades discursivas estritamente sociais, capazes de provocar, por parte dos sujeitos, uma atitude enunciativa. Dessa forma, nenhum enunciado é neutro, todo enunciado é produzido por alguém, que possui uma intenção predeterminada. Seguindo esse raciocínio, vão sofrendo modificações, cujas consequências são produtos do momento histórico em que se inserem. Todo contexto social origina novas formas comunicativas para suprir necessidades socioculturais em que os indivíduos se situam e se desenvolvem. Os *emojis* apresentam características e funções sociais para complementar (Seria somente complementar?)<sup>50</sup> a comunicação intersubjetiva com os interlocutores; tornam-se, desse modo, modelos comunicativos que permitem a interação social. A recorrência de diversos usos da língua e a variedade dos campos da comunicação humana permitem que os enunciados reflitam as finalidades e especificidades de cada situação comunicativa criada no meio virtual ao enviar um *emoji*<sup>51</sup>.

Para Levy (1994, p. 74), a todo momento,

novas maneiras de pensar e de conviver estão sendo elaboradas no mundo das comunicações e da Informática. As relações entre os homens, o trabalho, a própria inteligência dependem, na verdade, da metamorfose incessante de dispositivos informacionais de todos os tipos. Escrita, leitura, visão, audição, criação e aprendizagem são capturados por uma Informática cada vez mais avançada.

Ademais, as mudanças culturais acontecem em função das diferentes práticas sociais que caracterizam a ação do homem em sociedade e introduzem novas possibilidades comunicativas, as quais se descrevem como textos que servem para expressarmos nossas ideias e pensamentos em nosso cotidiano. “As dinâmicas comunicacionais ocorrem atualmente de forma mais fragmentada, num cenário tecnológico no qual múltiplas informações, produtos e marcas circulam pelo ciberespaço” (POMPEU; SATO, 2018, p. 16), e os indivíduos conectam-se constantemente. Desse modo, estratégias comunicativas são desenvolvidas e utilizadas para captar a atenção do mercado consumidor e, muitas vezes, para tornar a comunicação mais rápida e, talvez, mais eficaz.

Nessa cultura digital, em constante movimento, as novidades são diárias, o acompanhamento é extremamente difícil, adaptar-se às demandas dos mais diversos usuários. O uso de novas formas de comunicação não é algo recente e, sem dúvida, são exploradas de

---

<sup>50</sup> Voltaremos a esse ponto no Capítulo 3.

<sup>51</sup> Não sejamos ingênuos. É notório que diferentes classes sociais manuseiam essas tecnologias de comunicação de formas diferentes. Recuero (2009) esclarece que, em ambiente digital, a língua escrita carrega, sim, marcas específicas as quais remontam a fatores como classe social, sexo, escolaridade (como explana a Sociolinguística).

maneira muito criativa. Essas representações pictográficas/icônicas acompanham a nossa história, a história da interação humana. De alguma maneira, das mais diversas formas, o homem possui a capacidade para se comunicar, gerar linguagem e interagir com os demais seres que o rodeiam. Certamente, é o convívio em sociedade que gera essa capacidade de aprender e compreender novos signos, a fim de estabelecer um ato enunciativo, já que somente o homem é dotado de linguagem. Em *Da subjetividade na linguagem* (1958), Benveniste questiona e critica a noção de linguagem entendida como aquela que serve de instrumento de comunicação ao homem, já que deixaria o homem à margem da linguagem e esse deve estar ligado à linguagem, porque não existe homem que não se comunique. Argumenta que não se pode falar de instrumento, uma vez que colocamos em oposição o homem e a natureza.

Por meio de uma visão antropológica da linguagem, o linguista declara que “não atingimos nunca o homem separado da linguagem e não o vemos nunca inventando-a” (BENVENISTE, 1958/2005, p. 285). Benveniste, neste texto, mostra que não se pode mais conceber a linguagem e o indivíduo dessa forma, pois não existe homem fabricando a linguagem, porque ela está na natureza do homem.

Portanto, por exemplo, as pinturas, realizadas com tintas nas paredes das cavernas, designam o modo identificado pelo homem primitivo para fazer florescer a linguagem, permitindo a interação, o conhecimento e a compreensão sobre a vivência desse sujeito que expõe seu pensamento a respeito das histórias, lutas, antepassados, rituais, ou seja, do seu mundo. Sob o olhar semiótico, esses elementos são a interpretação do sujeito primitivo conectado ao momento da representação<sup>52</sup>.

Contudo, quando tratamos de comunicação humana e formas de os sujeitos se relacionarem por meio da linguagem, muitos desafios e perspectivas são impostos. Os problemas que relacionam o indivíduo com sua cultura e com a sociedade na qual vivem são revelados a cada instante, uma vez que tratamos de um processo comunicativo de homens. Como afirma Franz Boas (2014, p. 108), “Os dados antropológicos padronizados que nos informam sobre comportamento costumeiro não nos fornecem pistas sobre a reação do indivíduo à sua cultura, nem sobre o entendimento de sua cultura sobre ela [...]”, apesar dessas fontes serem primordiais para a compreensão do comportamento humano. Seria um esforço sem sentido procurar leis sociológicas que expliquem a reação de um homem a sua cultura.

---

<sup>52</sup> Alguns registros datam de 32 mil anos, encontrados na caverna de Chauvet - sul Francês, um dos milhares de sítios arqueológicos em sociedades e épocas distintas. Aguiar (2012) acrescenta que uma tradução dos grafismos rupestres é impossível, já que seria necessário conhecer com precisão os códigos que regem a combinação desses símbolos, mas nem por isso não atestamos sua presença.

Assim, teríamos apenas fórmulas vazias que poderiam se tornar plenas somente se o comportamento individual fosse considerado em cenários culturais, no nosso caso, a presença de *emojis* na interlocução das pessoas.

A complexidade dos fenômenos culturais é imensa. Afirma-se isso, levando em consideração a perspectiva do antropólogo Boas: “... que me parece duvidoso que se possa encontrar qualquer lei cultural válida. As condições causais das ocorrências culturais repousam sempre na interação entre indivíduo e sociedade” (BOAS, 2014, p. 107). Não queremos dizer que não podemos verificar algumas pertinentes inter-relações entre os aspectos gerais da vida do homem. Todavia, somente com um olhar minucioso dos elementos humanos encontrados em cada caso, para que a construção de sentido (s) se concretize.

O homem vive em um universo que é simbólico: o mito, a arte, a religião, muitos fios que participam da experiência humana. Envolveu-se de tal maneira em “formas linguísticas, imagens artísticas, símbolos míticos ou ritos religiosos que não consegue ver ou conhecer coisa alguma a não ser pela interpretação desse meio.” (CASSIRER, 2012, p. 49). O homem é um animal simbólico, tem pensamento e comportamento simbólico, na medida em que significa pela linguagem. O progresso da cultura está baseado nessas condições de simbolismo. Os símbolos, elementos variáveis, versáteis fazem parte do mundo dos significados do homem e, com o *emoji* não seria diferente, uma vez que ele é significado e interpretado (pelo sujeito falante/pela língua). Assim, Benveniste, teórico de nosso estudo, expõe cultura<sup>53</sup> e língua no mesmo patamar, no mesmo nível quando tratamos de significação: “[...] para Benveniste, a natureza do homem é a cultura, é ali que ele nasce e é nela que vive e é humano” (FLORES; SEVERO, 2015, p. 322). Se é nela que vive e é humano, é nela que encontramos vários sistemas comunicativos, novas modalidades de comunicação.

Observemos a descrição de cultura de Cassirer (2014, p. 371), ao final de seu livro *Ensaio sobre o homem*: “A cultura pode ser descrita como o processo da progressiva autolibertação do homem. A linguagem, a arte, a religião e a ciência são várias fazes desse processo”. Em todas elas o homem descobre e experimenta um novo poder – o poder de construir um mundo só dele, um mundo “ideal”, com a escolha dos *emojis* a serem utilizados

---

<sup>53</sup> Flores e Severo (2015), após a análise da aparição da palavra “cultura”, nos PLGs, constataram, como acontece com vários termos na obra de Benveniste, variações conceituais. Estamos cientes da importância de não fazer afirmações genéricas quando se trata de Benveniste. Assim, referimo-nos aqui à cultura como um “sistema semiótico de valores”, encontrando indícios no texto *Estrutura da língua e estrutura da sociedade* (1968b/2006), pois a cultura sempre se relaciona à língua, expressando a sociedade. Para Benveniste, é na cultura que o homem vive a partir da produção de sentidos por meio de variados sistemas semiológicos. É nesse texto, que o autor expressa que “a língua contém a sociedade” (BENVENISTE, 1968b/2006, p. 98). A cultura e a língua relacionam-se, uma vez que “a língua é tida como o lugar dentro do qual a língua e outros sistemas semiológicos têm ou não sentido” (FLORES; SEVERO, 2015, p. 322).

(não necessariamente entendidos na conversa). Dessa forma, isso menospreza os atritos, as desarmonias, pois todas essas funções completam-se, são interdependentes.

Barthes (1988, p. 105) explicita que tudo é cultura e exemplifica com a roupa, o livro, a comida, a imagem, de um lado ao outro das “escalas sociais”. Se tudo é cultura, os *emojis* representam essas diferentes culturas e se fazem interpretar pela língua. Assim, entendemos que a teoria benvenistiana auxilia-nos a compreender o *emoji* como interpretado pela língua, sistema de dupla significância, constituída dos níveis semiótico e semântico, a qual ocupa um lugar peculiar em relação aos demais sistemas, porque possui a capacidade de interpretar a si mesma e a sociedade.

Acreditamos que o *emoji* permite a representação de subjetividades/intersubjetividade de sujeitos que convivem em sociedade, imbricados em uma cultura. Se os enunciados – unidades reais de comunicação – determinam nossas atividades nos mais diversos campos, podemos inserir, social e culturalmente, uma gama ilimitada de enunciações; dentre elas, as formas representadas pelos *emojis*, compreendidos como unidades discursivas, capazes de provocar, por parte do sujeito, uma atitude de compreensão – ou não – da imagem transmitida. Todo enunciado é produzido por alguém, para expressar a visão do momento histórico em que se insere. Nesse universo interpretativo, o *emoji*, contemporaneamente, destaca-se, na medida em que é resultante de um fenômeno discursivo, repleto de enunciados já pronunciados pelos locutores para formularem seus discursos em outras situações, em outras épocas<sup>54</sup>, ao se apropriarem da língua e se tornarem sujeitos, por meio do sistema que tudo semiotiza: a língua.

Já que partiremos do pensamento do linguista Émile Benveniste sobre a concepção de língua e linguagem, acreditamos poder mostrar que os sentidos são construídos no discurso, por meio da língua, pelo sujeito. Como diz Flores (2019, p. 117) “somente a língua tem as condições necessárias e suficientes para comportar as relações possíveis entre os homens”, pois é ela que

---

<sup>54</sup> Em uma reportagem de Juliana Gragnani, da BBC News Brasil em Londres, datada de 25 junho 2021, com o título de *Como nasceu o KKKKKKKK da geração Z e por que emoji de risada é coisa de velho*, a repórter traça um recorte temporal e conta como essa gargalhada é usada pelo brasileiro há pelo menos 150 anos. Especialista em redes sociais e professora da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), Raquel Recuero, entrevistada, explicita que, nos anos 1990, as onomatopeias de riso tinham "o estilo dos quadrinhos como hahaa ou hahahHAHAHAhaha ou HCIAUHRIUEHIEHFUIHEIUFHAIUHIUEF (digitando várias letras com hahahaha)". "E bem no início, muita gente usava o RS RS RS", lembra. Posteriormente, essa risada foi substituída por um *emoji* "Face with Tears for Joy" (😄) que, atualmente, perdeu seu “trono” para o “Loudly crying face emoji” (😭), simplesmente porque a geração Z decidiu mudar e imprimir sua marca, sua subjetividade. Em 2021, o choro alto transformou-se na nova gargalhada. Keith Broni, pesquisador e tradutor de *emojis* do Emojipedia (dicionário de *emojis*) afirma na reportagem: “Entre o quá quá quá, os subsequentes kkkkk e KKKKK e a ascensão e queda de *emojis*, o que estamos vendo, simplesmente, é a "velha passagem da tocha entre gerações". (Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-57612393>. Acesso em: 19 jan. 2022). Essa mesma reportagem pode ser vista no YouTube (Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wqR4EatvPPk>. Acesso em: 19 jan. 2022).

contém a sociedade (BENVENISTE, 1968/2006), não há como ser diferente, uma vez que possui condições para comportar todas as relações que acontecem entre os homens. É ela que tem o poder de unificar, de nomear, ela é o interpretante, porque dois sistemas semióticos diferentes não podem ser homólogos, interpretantes um do outro. É a língua, composta de signos, que produz sentido, a qual serve como instrumento de comunicação. Dessa forma, encontramos uma metalinguagem: a língua fala de si mesma e é necessária para falar da sociedade. É igualmente pela língua, na perspectiva de Benveniste (1963/2005, p. 32), que o homem assimila a cultura, perpetuando-a e transformando-a.

Pensamos, assim, que, na prática dessa atividade escrita, envolvendo ferramentas digitais, os *emojis*, com suas peculiaridades, fazem emergir novos enunciados, diferentes formas de dizer, ou melhor, de representar a fala por meio da escrita, sempre pronta para se tornar fala novamente, o que faz com que acreditemos na possibilidade de ser o *emoji* um elemento da mesma natureza do que a escrita sob a perspectiva da interpretância da língua. Resta-nos, no próximo item, apresentar o início de uma reflexão que, necessariamente, deverá receber outros olhares para ser contestada, ou quem sabe, complementada, por meio de outras falas, transferidas para a escrita, permitindo a autossemiotização da língua.

### 3.2 O *EMOJI* É UM ELEMENTO DA MESMA NATUREZA DO QUE A ESCRITA SOB A PERSPECTIVA DA INTERPRETÂNCIA DA LÍNGUA?

Neste item, a nossa escrita caminha para contemplar, mais precisamente, o nosso objetivo: estudar como o *emoji* comporta a reflexão de Benveniste sobre a natureza da escrita na sua relação com a interpretância da língua. Acreditamos ser pertinente, para prosseguirmos com nossas explicações e indagações, retomarmos os elementos norteadores da nossa tese, expostos no Quadro 1.

Quadro 1 – Elementos norteadores

<b>ELEMENTOS NORTEADORES</b>	
TESE	Esta tese reside na hipótese de considerarmos o <i>emoji</i> um elemento de propósito semelhante ao da escrita, já que pode ser tratado pela interpretância dessa língua
QUESTÃO NORTEADORA 1	Que função tem o <i>emoji</i> no campo da escrita?
QUESTÃO NORTEADORA 2	Tendo em vista que Benveniste, em suas últimas aulas, formula uma hipótese sobre a natureza da escrita na sua relação com a língua, como os <i>emojis</i> contemplam o que diz Benveniste nessa relação?
HIPÓTESE	O <i>emoji</i> é um elemento da mesma natureza do que a escrita ao pensarmos a proposta de Benveniste nas <i>Últimas aulas</i> (1968-1969/2014), em que apresenta a natureza da escrita por meio da interpretância da língua. O <i>emoji</i> , um elemento pertencente à escrita, seria uma possibilidade de representação da língua pela escrita, a reapresentação, a representação da representação, a fala secundária que Benveniste nos apresenta nas <i>Últimas aulas</i> , capaz de condensar uma série de informações, uma simultaneidade de sentidos.
OBJETIVO GERAL	Estudar como o <i>emoji</i> comporta a reflexão de Benveniste sobre a natureza da escrita na sua relação com a interpretância da língua.
OBJETIVOS ESPECÍFICOS	<p>a) Esclarecer qual é a função do <i>emoji</i> no campo da escrita, concebida por meio da semiologia benvenistiana na qual esclarece semiotizar todos os outros sistemas.</p> <p>b) Compreender como os <i>emojis</i> contemplam o que diz Benveniste, em <i>Últimas aulas</i> (1968-1969/2014) sobre a natureza da escrita na sua relação com a língua, ao abordar a representação da língua pela escrita, a comprovação da autosemiotização.</p>

Fonte: o autor

Uma observação é importante, ou melhor, fundamental ao iniciarmos nossas ponderações: O que Benveniste pode dizer em relação a esta análise que os outros estudiosos não podem? Por que Benveniste? Voltemos um pouco para recordar algumas colocações. Em *Semiologia da língua* (1969), Benveniste diz que a língua tem a propriedade da interpretância e tem relações de interpretância. Ele faz uma diferença entre propriedade e relação. A primeira propriedade é constitutiva da língua, assim, podendo ter uma relação de interpretância consigo mesma e com os outros sistemas. Ele não diz nem como se analisa a interpretância da língua consigo mesma, muito menos com os outros sistemas. Com a publicação do *Últimas Aulas* (1968-1969), nas 15 aulas finais, Benveniste teoriza como a língua interpreta a si mesma, sem preocupação com a interpretância dos outros sistemas. Aqui, nestas aulas, ele menciona que a escrita é a prova de que a língua se autosemiotiza: ela tanto fala de si mesma como pode aparecer em algo que não é ela, como o *emoji* dentro de sua natureza escrita. É nesse espaço que concebemos a relevância benvenistiana para nosso estudo, no que se refere ao seu pensamento entrelaçando a dupla significância da língua revelada pela escrita.

Na aula 15, em uma nota de ouvinte, na página 178 de *Últimas aulas*, lemos o seguinte questionamento: “Qual é a relação entre a língua e a escrita, colocadas, uma e outra, como sistemas significantes? (BENVENISTE, 1968-1969/2014, p. 178 [nota de ouvinte]). Se a língua é interpretante e permite colocar em relação os “sistemas aparentados”, atrevemo-nos a questionar: Qual é a relação entre a língua e o *emoji*, colocados, uma e outro, como sistemas significantes? A nossa pergunta encaminha-nos para a mesma reflexão de Benveniste, já que o *emoji* é uma escrita que também tem a função de representação dessa língua<sup>55</sup>. É o *emoji* uma forma secundária da fala – tal qual a escrita –, no sentido de ser a língua sempre a primeira, com a possibilidade de retorno a ela. É o que Benveniste descreve como “fala transferida”, “linguagem invisível” (1968-1969/2014, p. 179 [nota de ouvinte]) que permite a semiotização da língua a si mesma.

Sabemos que a língua, além de ser feita de signos, é, também, produtora de signos. Esses formam sistemas interpretados pela língua. Portanto, são “articulados conjuntamente por um princípio interno” (BENVENISTE, 1968-1969/2014, p. 101), como a escrita, com todas as suas

---

<sup>55</sup> Aqui, também, como Benveniste, baseamo-nos na compreensão de Saussure “Língua e escrita são dois sistemas distintos de signos; a única razão de ser do segundo é representar o primeiro” (CLG, 2006, p. 34). A essa informação, acrescentamos a explicação de Benveniste ao responder ao questionamento “Que sentido dar a essas duas definições em que uma se apoia sobre o “signo” e a outra sobre a de “representação?””. (BENVENISTE, 1968-1969/2014, p. 178 [nota de ouvinte]): quanto ao signo linguístico, ele é tido somente com uma compreensão comum, não técnica, e, em relação à “representação”, Benveniste reitera a escrita representando uma forma secundária de fala. Sempre esclarecendo que “na apresentação saussuriana, a semiologia é sígnica, na benvenistiana, a semiologia e a *da língua*, porque é discursiva, porque sua interpretância parte do engendramento dos domínios do semiótico e do semântico da língua.” (ROCHA; TOLDO, 2019, p. 107).

peculiaridades, organizações, ou seja, a sua linearidade. Ora, se compreendemos que os sistemas semióticos não se bastam sem a interpretância da língua, já que todos têm a necessidade de verbalização, o *emoji* também aqui se insere. Essa escrita “dos meios digitais” necessita receber a interpretância da língua para que se desenvolva como sistema comunicativo (Será sistema de signos?). Desse modo, o *emoji*, como a escrita, só possuem existência em relação à língua, com a possibilidade de “conversão relativa” (BENVENISTE, 1968-1969/2014, p. 121 [nota de ouvinte]), de um para o outro, ou vice-versa. Temos, sim, a qualquer momento, a língua convertida em uma imagem da língua.

Quando abordamos a linearidade da escrita, é no sentido de que a organização de uma letra após a outra, de uma palavra após a outra, por exemplo, é necessária para que o enunciado seja posto e inteligível<sup>56</sup>. Parafraseando Flusser<sup>57</sup> (2017, p. 101), para que possamos ler linhas escritas, é necessário seguirmos o texto, a fim de entender a mensagem, diferente de ler, na comparação do filósofo, a pintura. Nessa, a mensagem pode ser apreendida primeiramente e, após, decomposta. Na escrita, utilizando *emojis*, essa linearidade pode<sup>58</sup> ser subvertida, a adequação do “pensamento-em-superfície” ao “pensamento-em-linha” (FLUSSER, 2017, p. 100) permite-nos certa liberdade de leitura inserida em uma estrutura proposta.<sup>59</sup> Suponhamos que, em uma conversa no *Whatsapp*, alguém receba a notícia de que será mãe. Diante do fato, uma amiga decide enviar *emojis* que denotam felicidade, como um coração, carinha com coração, flores, mamadeira e uma carinha de bebê: ❤️ 😊 🌸 🍼 🍼. Observemos que se a ordem

<sup>56</sup> Importante mencionarmos, aqui, Saussure. Ao abordar o signo linguístico, considerando-o “uma entidade linguística de duas faces”, um significante e um significado, refere-se à escrita quando menciona o caráter linear do significante. Expõe que essa linearidade, caracterizada por representar uma extensão “mensurável em uma só dimensão”, ou seja, em uma linha, formando uma cadeia (em que os elementos se encontram dispostos um após o outro) manifesta-se “imediatamente quando os representamos pela ESCRITA e substituímos a sucessão do tempo pela linha espacial dos signos gráficos” (CLG, 2006, p. 84, grifo nosso). Enfatizando que a ressalva benvenistiana, em *Natureza do signo linguístico* (1939/2005), sobre a concepção de signo de Saussure, não recai sobre a bipartição do signo, admitida por Benveniste. O que o linguista contesta é o posicionamento de que a natureza do signo linguístico é arbitrária, defendendo a necessidade existente no enlace entre o significante e o significado.

<sup>57</sup> Vilém Flusser (1920-1991) foi um dos primeiros a perceber a importância das tecnologias de informação na sociedade que emergia na segunda metade do século 20. Era um filósofo tcheco naturalizado brasileiro. Embora, no Brasil, seu reconhecimento ainda esteja em grande parte restrito ao campo da teoria da fotografia, atualmente sua obra é considerada uma das mais fecundas abordagens filosóficas para pensar o papel da imagem e a condição existencial humana na contemporaneidade. Disponível em: <https://revistazum.com.br/noticias/flusser-imagens-tecnicas/>. Acesso em: 20 fev. 2021.

<sup>58</sup> Este verbo foi usado para não generalizarmos, pois, na língua, a situação enunciativa deve estar presente.

<sup>59</sup> No capítulo intitulado *LINHA E SUPERFÍCIE*, Flusser (2017, p. 100) nos apresenta a imagem como “pensamento-em-superfície”, e a escrita como “pensamento-em-linha”, problematizando essa relação. Acredita que as superfícies (fotografias, pinturas, tapetes, vitrais, inscrições rupestres) representam o mundo tanto quanto as linhas (com suas especificidades), porém, dessa afirmação, ecoam vários questionamentos, abordando essa representação do mundo pelas superfícies: “Mas como elas o representam? Será que são adequadas para o mundo? E, caso afirmativo, como? Será que elas representam o “mesmo” mundo que as linhas escritas? Para o filósofo, a problemática está na descoberta da forma de adequação existente tanto entre as superfícies e o mundo quanto entre as superfícies e as linhas.



de disposição for mudada, não haverá “prejuízo” em sua organização textual: 🙄💧😄🌸❤ /  
 💧🙄❤😄🌸. Obviamente que, apesar dessa diferença, a interpretância da língua é sempre presente.

O *emoji* é uma escrita com características específicas. Além da possibilidade de não linearidade, pensemos sobre o seguinte termo: sincronicidade. Flusser (2017, p. 127) descreve a imagem como uma superfície “cujo significado pode ser abarcado num lance de olhar: ela sincroniza a circunstância que indica como cena”. Após, os olhos percorrem a imagem, a fim de analisá-la, ou seja, “diacronizar a sincronicidade” – pois muitas interpretações podem suscitar. Ao contrário, para ler um texto, os olhos necessitam deslizar ao longo da linha. “Códigos lineares exigem uma sincronização de sua diacronia” (2017, p. 127), porque somente ao final da linha a mensagem é significada<sup>60</sup>. Parafrazeando Nunes (2020, p. 4), as formas simbólicas comportam o que “escapa ao dizível do plano linguístico, que não pode ser simbolizado em palavras”. Então, será que essa característica de sincronicidade dos *emojis*, talvez, não revelaria uma certa “incapacidade” da escrita de trazer todos os elementos que a sincronicidade exige? A escrita não seria suficiente para uma interação síncrona? Se sim, o que fazer então? Recorrer-se a uma série de elementos<sup>61</sup>, dentre eles o *emoji* para sanar essa lacuna? Parece-nos razoável pensar nessa possibilidade.

Uma reflexão que certamente deve ser feita recai sobre a utilização desses *emojis* como “prolongamento” do que já foi escrito para expressar um sentimento, uma emoção<sup>62</sup>: “Que linda ♡♡♡”. Observemos que o *emoji* utilizado, mesmo usado com a função de enfatizar a beleza de alguém, não aparece subordinado à forma linguística. Atentemos às palavras de Benveniste: “Ora, nada impede de imaginar um “signo icônico”<sup>63</sup> que associaria o pensamento a uma materialização gráfica, *paralelamente* à representação linguística e não em subordinação à forma linguística.” (BENVENISTE, 1968-1969/2014, p. 132-133). Quando escrevemos, com um *emoji*, ao realizarmos essa passagem da palavra ao “desenho da palavra”, essa “escrita passa a ser “signo da realidade” ou “da ideia” (BENVENISTE, 1968-1969/2014, p. 141), com a posição de ser paralela à língua, já que o ato da escrita não se origina da fala pronunciada, de uma linguagem enunciada, mas do que Benveniste chama de “linguagem interior”, sendo a escrita, a sua transposição. Essa “linguagem interior”, estabeleceria, com a escrita, uma relação

<sup>60</sup> Perceba que nos dois casos, a interpretância da língua é invocada.

<sup>61</sup> Acrescentamos a esses elementos: memes, gifs, figurinhas do *WhatsApp*.

<sup>62</sup> Vera Lúcia Menezes de Oliveira e Paiva (2016, p. 393-395), ao escrever sobre a função discursiva dos *emojis*, resume-as: a) substituir palavras; b) expressar emoção; c) indicar afeto; d) função de identificador; e) expressar ironia.

<sup>63</sup> Não há relação com a terminologia de Peirce.

de necessidade: “A língua escrita, mais do que contar com a “linguagem interior”, estabelecerá uma relação necessária com ela a fim de constituir a escrita como sistema” (STEIN, 2020, p. 110), uma vez que a língua escrita supõe a tradução da “linguagem interior”.

No 4º *Colóquio de Leituras de Émile Benveniste*, realizado nos dias 25, 26 e 27 de outubro de 2021, pelo PPG-Letras/UFRGS, na apresentação da Profa. Dra. Paula Ávila Nunes, intitulada *Do rastro ao signo: a capacidade de autossemiotização da língua pela escrita e o universo semiótico de significação*, ela enuncia, em sua fala (slides), que a diferença específica de uma escrita propriamente dita e de outras marcas deixadas em qualquer superfície (exemplifica com os desenhos) reside no fato de que, na escrita, parafraseando a fala da linguista, essa marca precisa ter duas características: ser resultado de uma análise semiótica da língua que representa e materializar semioticamente essa análise (semiótico entendido nos termos de Semiologia da língua. (NUNES, 2021, *informação oral*).

A partir dessa afirmação, também construímos uma relação semiológica entre a escrita e o *emoji*. As duas características citadas por Nunes (2021) podem ser encontradas nos *emojis*: ele é resultado de uma análise semiótica da língua que representa, pois é reconhecido e usado por determinadas comunidades linguísticas, e é capaz de materializar semanticamente essa análise sempre por meio da interpretância da língua. Novamente, é esta capacidade significativa da língua que permite a relação de interpretância entre sistemas de outras ordens, como vemos com a língua em relação à escrita, com a língua em relação ao *emoji*.

Retornemos à Aula 9<sup>64</sup>, do *Últimas aulas*, de 10 de fevereiro de 1969 (BENVENISTE, 1968-1969/2014, p. 135-139), como mencionado na nota de rodapé 29, da página 32, do Capítulo 2. Por que retornar a uma aula descrita em cinco páginas, na qual Benveniste apresenta um deslocamento de sua reflexão em relação às aulas anteriores, ao explanar sobre o processo de aquisição, para apresentar a escrita nas sociedades primitivas, com a abordagem da criação de várias escritas e suas peculiaridades? Façamos um percurso e atentemos para os seguintes dizeres do linguista:

---

<sup>64</sup> Benveniste, profundo estudioso das línguas, principalmente nas Aulas 8 e 9 do *Últimas Aulas* (1968-1969/2014, p. 137) apresenta-nos um estudo da escrita nas sociedades primitivas, a fim de demonstrar soluções, apresentadas pelo homem, para o problema de representar algo graficamente. Neste ponto, o linguista é incisivo quando afirma se tratar de uma escrita da realidade, não da língua. Dessa forma, a escrita não é um signo da língua, é signo do referente, a capacidade de reconhecimento, de possibilidade de uso, abarcando uma infinidade de relações que, por meio de imagens, descreve eventos, descreve o mundo. Essa representação gráfica é chamada por Benveniste de tendência “natural”: escrita apenas como uma transcrição da fala, portanto, sem ser “signo do signo”, sem revelação do que Benveniste almeja, o semiótico da língua. Assim, o limite traçado entre a pictografia e a escrita pode ser descrito: “a pictografia pode ser compreendida, não lida, enquanto uma escrita só é escrita se pode ser lida. Tudo está aí: ler é o critério da escrita” (BENVENISTE, 1968-1969/2014, p. 180). A noção de escrita ligada ao referente não é a língua, com sua capacidade de duplicidade de sentido (semiótico e semântico). Poderíamos dizer que o *emoji* é o próprio referente?

Para encontrar os primeiros espécimes de escrita, é preciso remontar à metade do 3º milênio e provavelmente ainda mais longe, ao 4º milênio antes de nossa Era. Trata-se das escritas constituídas no Egito (o protoegípcio) e na Suméria. Mas, talvez, sejam condições fortuitas as que nos guardaram esses testemunhos e nada permite ver neles o início da escrita. (BENVENISTE, 1968-1969/2014, p. 135).

Nessa citação, Benveniste traz-nos o pictório como representação da língua. Contudo, esse pictório apresentado como representação é antes da invenção da escrita. Hoje, em função da cultura digital, temos um “outro” pictográfico, o *emoji*, uma representação criada após a escrita. E qual é a diferença? Há diferença? É só uma questão de “antes” e “depois”? Continuemos na página 137 (descrita parcialmente no Capítulo 2) para esclarecer nosso raciocínio:

Quando o homem primitivo “representa” desenhando um animal ou uma cena, ele a escreve. Sua “escrita” reproduz então a própria cena, ele escreve a realidade, ele não escreve a língua, porque para ele a língua não existe enquanto “signo”. a língua é, ela própria, criação. Pode-se, então, dizer que a “escrita” começa a ser “signo da realidade” ou da ideia”, sendo *paralela* à língua, mas não seu *decalque*. (BENVENISTE, 1968-1969/2014, p. 137, grifos do autor)

Observemos que, após essa declaração, um dos ouvintes de Benveniste transcreve-nos fielmente a reprodução de um desenho do linguista no quadro-negro. Esse desenho, segundo a “tradução” realizada, representaria as figuras de José e Maria dirigindo-se para Jerusalém. Vejamos a ilustração a que nos referimos na página 137, com suas respectivas anotações:

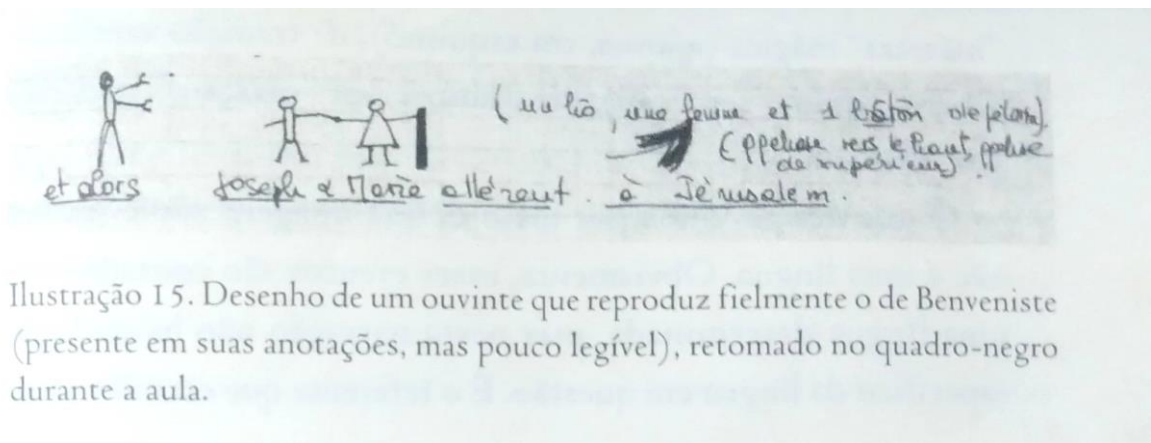


Ilustração 15. Desenho de um ouvinte que reproduz fielmente o de Benveniste (presente em suas anotações, mas pouco legível), retomado no quadro-negro durante a aula.

O desenho, portanto, seria a representação. Era assim que se usava antes da escrita. Com ela, houve a “tradução” do desenho: José e Maria vão a Jerusalém. O que podemos pensar com isso? Qual é a relação desse percurso realizado com o *emoji*? A relação configura-se na identificação do *emoji* com o desenho. Ele é o desenho, mas com uma significativa diferença:

o desenho pictográfico sobre o qual Benveniste fala é aquele antes da escrita, e o *emoji* foi inventado depois da escrita. Então, quando colocamos o *emoji* junto com a escrita, já temos a língua como seu interpretante. É a língua que nos permite ‘traduzir, por exemplo, a cena descrita na página 137, uma vez que os pictogramas apresentados possibilitariam relações diversas. Sem a escrita, logo abaixo das ilustrações, a significação da sequência não seria possível.

Outra ilustração aparece na página 138:

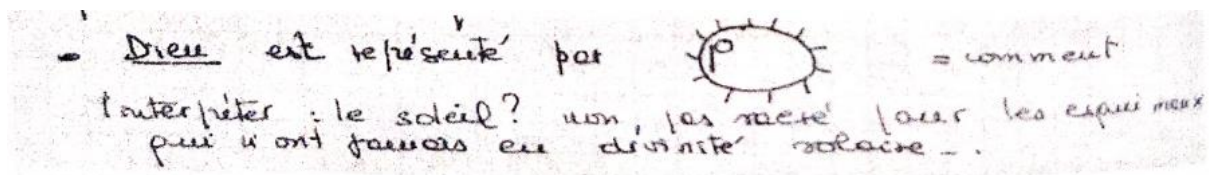


Ilustração 16. Idem.

Seria um sol? Não. O círculo rodeado de traços, com um outro pequeno círculo inserido, e um traço, ao lado esquerdo de quem lê, é uma “‘máscara’ mágica (*agaiyun*, em esquimó), de tradição xamânica” (BENVENISTE, 1988-1969/2014, p. 138, [nota de ouvinte]). Os esquimós não têm divindade solar.

Dessa forma, por meio do *emoji*, temos um retorno ao pictográfico explanado por Benveniste; um retorno, entretanto, interpretado pela língua. Quando utilizamos um *emoji*, ele é atravessado pela língua, não se tratando de uma mera representação. É um *emoji* que representa algo já interpretado pela língua. Ora, o status do *emoji* não é uma nova escrita, mas um retorno ao mecanismo pictográfico sempre organizado pela língua. Não há como explicar o *emoji* a não ser pela língua. Eis que encontramos, aqui, novamente, caros leitores desta tese (ou possibilidade de criação de uma), a semiologia da língua conforme exposto na teoria benvenistiana: a língua interpretante de todos os outros sistemas – inclusive dela mesma.

O *emoji* pode ser considerado um elemento que faz parte da representação de subjetividades/intersubjetividade de sujeitos que convivem em sociedade, relacionados em uma cultura, mas “somente a língua tem as condições necessárias e suficientes para comportar as relações possíveis entre os homens” (FLORES, 2019, p 117), porque é ela que contém a sociedade, não há como ser diferente. Benveniste (1969/2006) propõe que somente pela análise da língua é possível incluir a sociedade nas preocupações teóricas dos linguistas. E é, por meio dela, sem dúvida, que se dá a interpretância do nosso objeto de pesquisa, o *emoji*, uma linguagem adaptada aos recursos tecnológicos encontrados no espaço digital, repleta de significados, pois não são meras ilustrações. Muito pelo contrário, eles são capazes de transmitir

informações de forma econômica, criativa e emotiva, ou seja, são uma possibilidade eficaz de comunicação a qual deve ser apreciada e estudada pelos linguistas preocupados com os sentidos que emergem das linguagens utilizadas na sociedade, explicitadas pela língua.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Ao trabalhar com ele, com os seus textos (que nunca são simples artigos), reconhecemos sempre a generosidade de um homem que parece escutar o leitor e emprestar-lhe alguma coisa de sua inteligência, mesmo nos assuntos mais particulares, mais improváveis. Lemos outros linguistas (afinal, é preciso), mas gostamos de Benveniste.” (BARTHES, 1988, p. 183)

Finalizar é necessário. Se Benveniste “incita o debate [...] para diferentes, e nem sempre confluentes, leituras”, conforme afirmou Flores (1968-1969/2014, p. 9), na apresentação à edição brasileira das *Últimas Aulas*, pontuar é necessário, porque precisamos permitir que a leitura de nossos apontamentos seja feita. Uma pontuação, no entanto, que suscita, imediatamente, questionamentos de leitores benvenistianos fascinados com a capacidade do autor em “tirar-nos” as certezas, numa constante imposição de dúvidas e releituras, impedindo a nossa passividade em relação às mais diversas e, às vezes, intrigantes interpretações. Gostamos de Benveniste, mesmo que nosso olhar se modifique a cada abertura de livro, a cada toque de tela.

Nesta tese, diante dos recortes e deslocamentos feitos, acreditamos que o *emoji* necessita, sim, da interpretância da língua. É ela, organização semiótica por excelência, que mantém a sociedade unida: manifesta-se por meio da enunciação, é constituída de unidades distintas (signos), é social – produzida e recebida nos mesmos valores de referência – e atualiza a comunicação intersubjetiva (BENVENISTE, 1969/2006). Que a língua é interpretante de todos os demais sistemas, já está posto. Contudo, qual é a propriedade que a diferencia e permite a construção dos sentidos no/do *emoji*? Respondemos: a sua dupla significância, construída por meio dos sistemas semiótico e semântico. A significação da língua é assim articulada e, somente ela, na combinação de dois modos distintos de significância.

Não há como explicar o *emoji* a não ser pela língua. Ele é atravessado pela língua, não se tratando de uma mera representação. É a representação de algo já interpretado pela língua. O seu *status* não é uma nova escrita. Trata-se de um retorno ao mecanismo pictográfico sempre organizado pela língua. Assim, no campo da escrita, apresenta-se como um elemento de propósito semelhante a ela, uma vez que, junto dela, também se torna escrita responsável pela autosemiotização da língua.

Ao estudarmos o *emoji*, a partir da língua, por meio de uma reflexão semiológica, não reiteramos nossa tese a qual reside na hipótese de considerarmos o *emoji* um elemento de propósito semelhante ao da escrita, já que poderia ser tratado pela interpretância dessa língua.

Ele pode ser “escrita”, quando se encontra junto dela, e é capaz de comportar, parafraseando Nunes (2020, p. 4), aquilo que não pode ser simbolizado em palavras, pois escapa ao dizível do plano linguístico. Embora apresentemos o *emoji* como um retorno ao pictográfico, no campo da escrita, sua função é de reapresentação, é a autossemiotização, já que esclarecemos estar a língua ali, com sua interpretância. Contudo, a escrita ainda é necessária para que o *emoji* seja verbalizado no contexto inserido.

Acreditamos, logo, que conseguimos responder a nossas questões norteadoras: Que função tem o *emoji* no campo da escrita? / Questão norteadora 2: Tendo em vista que Benveniste, em suas últimas aulas, formula uma hipótese sobre a natureza da escrita na sua relação com a língua, como os *emojis* contemplam o que diz Benveniste nessa relação? A hipótese de que o *emoji* é um elemento da mesma natureza do que a escrita ao pensarmos a proposta de Benveniste nas *Últimas aulas* (1968-1969/2014), em que apresenta a natureza da escrita por meio da interpretância da língua, igualmente nos parece ser esclarecida e negada.

Respondidas as nossas questões norteadoras e contemplada a nossa hipótese, o objetivo geral – estudar como o *emoji* comporta a reflexão de Benveniste sobre a natureza da escrita na sua relação com a interpretância da língua – foi alcançado (mesmo que se tenha muito a dizer ainda), logicamente, a partir do desenvolvimento de nossos objetivos específicos – a) Esclarecer qual é a função do *emoji* no campo da escrita, concebida por meio da semiologia benvenistiana na qual esclarece semiotizar todos os outros sistemas. b) Mostrar como os *emojis* contemplam o que diz Benveniste, em *Últimas aulas* (1968-1969/2014) sobre a natureza da escrita na sua relação com a língua, ao abordar a representação da língua pela escrita, a comprovação da autossemiotização –, elaborados a partir da nossa hipótese.


Para contemplar os passos relatados, teorizando sobre o texto *Semiologia da língua* (1969) e o livro *Últimas aulas* (1968-1969) para refletir sobre a semiologia da língua de Benveniste pautada na capacidade de dupla interpretância dessa língua, com os níveis semântico e semiótico (Capítulo 1). Uma língua que tudo interpreta (relação entre sistema interpretante e sistema interpretado), inclusive a si mesma (metalinguística) e que tem a escrita como organização, como expressão do próprio discurso. É a escrita que possibilita sua autossemiotização, o retorno a si mesma (Capítulo 2). Todo esse construto teórico possibilitou inserirmos o *emoji* nessa discussão para podermos pensar na relação da escrita e do *emoji* pela e na significância da língua (Capítulo 3).

A possibilidade de realização de uma pesquisa dessa natureza faz com que o olhar do pesquisador se volte para as propriedades e para as situações discursivas que se inscrevem na organização e utilização dos *emojis*, com o intuito de estudar como eles comportam a reflexão

de Benveniste sobre a natureza da escrita na sua relação com a interpretância da língua. Assim, a legitimação, no espaço acadêmico, da discussão sobre um fenômeno amplamente difundido como forma de comunicação e interação social, faz-se necessária. Nesse aspecto, apoia-se, também, o ineditismo da pesquisa, uma vez que os estudos acadêmicos podem ser considerados escassos no que concerne ao estudo da linguagem do *emoji*, na sua relação com a escrita e a interpretância da língua. Uma busca nas principais bases de dados não revelou o encontro de artigos com o *corpus* pesquisado associado à área de estudos semiológicos benvenistianos. Encontramos artigos com o “fenômeno” de pesquisa apresentado, todavia analisado por outras teorias.

Embora não tenhamos um modelo de análise consolidado, parece-nos que um leque de possibilidades se abre por meio de reflexões as quais têm como núcleo a análise da significância da língua, da sua capacidade de interpretância. Enfatizamos que partimos da língua para analisar tal manifestação tecnológica de interação cultural, *o emoji*. A nossa discussão é organizada por meio da língua, a única com a capacidade de interpretar a sociedade. Ela contém a sociedade. Portanto, findo esta escrita, tomando a língua, e, diferente do início, anunciado em minha introdução, já sou sujeito de um dizer que construiu sentidos implicados de culturas, experiências, valores inscritos na e pela língua.

Fui corajosa (Seria audaciosa?). Mas sempre com muito respeito aos posicionamentos dos meus leitores e, principalmente, das diversas, intrigantes e fascinantes escritas do teórico da significação: Émile Benveniste. Equívocos, pensamentos não expressos claramente, repetições na tentativa, muitas vezes, de encontrar um lugar seguro para aconchegar meus pensamentos certamente estarão presentes ao longo do recorte realizado. Sou imperfeita, os textos escritos são imperfeitos, a vida é imperfeita. Eu divaguei, eu me angustiei, eu tive raiva, eu chorei, eu xinguei, ou seja, eu escrevi, eu vivi. Não é para isso que a linguagem serve? Para viver?

É assim que se processa uma tese? É isso? É isso! É isso... 



## REFERÊNCIAS

- AGUIAR, R. L. S. *Arte Rupestre: conceitos introdutórios*. Páginas dos docentes da Universidade Federal da Grande Dourados, 2012.
- BARBISAN, Leci Borges. O conceito de enunciação em Benveniste e em Ducrot. *Letras*, Santa Maria, nº 33, p. 23-36, jul./dez. 2006. Disponível em: <[http://www.ufsm.br/ppgletras/arquivos/LETRAS/LETRAS\\_33/LETRAS\\_33.pdf](http://www.ufsm.br/ppgletras/arquivos/LETRAS/LETRAS_33/LETRAS_33.pdf)>. Acesso em: 21 jun. 2021.
- BARTHES, Roland. Por que gosto de Benveniste. In: BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988. p. 179-183.
- BENVENISTE, Émile. (1939). Natureza do signo linguístico. In: BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral I*. 5. ed. Tradução Maria da Glória Novak e Maria Luisa Salum. Campinas, São Paulo: Pontes Editores, 2005. p. 53-59.
- BENVENISTE, Émile. (1958). Da subjetividade na linguagem. In: BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral I*. 5. ed. Tradução Maria da Glória Novak e Maria Luisa Salum. Campinas, São Paulo: Pontes Editores, 2005. p. 284-293.
- BENVENISTE, Émile. (1962/1964). Os níveis da análise linguística. In: BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral I*. 5. ed. Tradução Maria da Glória Novak e Maria Luisa Salum. Campinas, São Paulo: Pontes Editores, 2005. p. 127-140.
- BENVENISTE, Émile. (1963). Vista d'olhos e o desenvolvimento da linguística. In: BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral I*. 5. ed. Tradução Maria da Glória Novak e Maria Luisa Salum. Campinas, São Paulo: Pontes Editores, 2005. p. 19-33.
- BENVENISTE, Émile. (1966-1967). A forma e o sentido na linguagem. In: BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral II*. 2. ed. Tradução Eduardo Guimarães et al. Campinas, São Paulo: Pontes Editores, 2006. p. 220-242.
- BENVENISTE, Émile. (1968). Estrutura da língua e estrutura da sociedade. In: BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral II*. 2. ed. Tradução Eduardo Guimarães et al. Campinas, São Paulo: Pontes Editores, 2006. p. 93-104.
- BENVENISTE, Émile. (1969). Semiologia da língua. In: BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral II*. 2. ed. Tradução Eduardo Guimarães et al. Campinas, São Paulo: Pontes Editores, 2006. p. 43-67.
- BENVENISTE, Émile (1968-1969). *Últimas aulas no Collège de France: 1968-1969*. Tradução Daniel Costa da Silva et al. São Paulo: Unesp, 2014.
- BOAS, Franz. *Antropologia cultural*. Tradução Celso Castro. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.
- CASSIRER, Ernest. *Ensaio sobre o homem*. Introdução a uma filosofia da cultura humana. Tradução Tomás Rosa Bueno. 2. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014.

COQUET, Jean-Claude; FENOGLIO, Irène. Introdução. In: BENVENISTE, Émile (1968-1969). *Últimas aulas no Collège de France: 1968-1969*. Tradução Daniel Costa da Silva *et al.* São Paulo: Unesp, 2014. p. 67-86.

DICIONÁRIO OXFORD ONLINE. Disponível em:  
<https://en.oxforddictionaries.com/definition/emoji>. Acesso em: 20 set. 2021.

EMARKETER.COM. *Who Needs Words When You Have Emojis?* Half of Instagram comments and captions contain emojis. Nova York, 2012. Disponível em:  
<https://www.emarketer.com/Article/Who-Needs-Words-You-Have-Emojis/1012466>. Acesso em: 07 jul. 2020.

FENOGLIO, Irène. “A língua e a escrita”: um distanciamento teórico entre Saussure e Benveniste, *Revista do GELNE*, Natal, v. 19, n. Especial, p. 273-298, 2017.

FLORES, Valdir do Nascimento *et al.* (Orgs.). *Dicionário de linguística da enunciação*. São Paulo: Contexto, 2009.

FLORES, Valdir do Nascimento. *Introdução à teoria enunciativa de Benveniste*. São Paulo: Parábola, 2013.

FLORES, Valdir do Nascimento. Apresentação à edição brasileira. In: BENVENISTE, Émile (1968-1969). *Últimas aulas no Collège de France: 1968-1969*. Tradução Daniel Costa da Silva *et al.* São Paulo: Unesp, 2014. p. 9-19.

FLORES, Valdir do Nascimento; SEVERO, Renata Trindade. Linguagem e cultura: uma abordagem com Benveniste. *Veredas*, Juiz de Fora, v. 2, p. 310-330, 2015.

FLORES, Valdir do Nascimento. *Saussure e Benveniste no Brasil*. Quatro aulas na École Normale Supérieure. São Paulo: Parábola Editorial, 2017a.

FLORES, Valdir do Nascimento. O que há para ultrapassar na noção saussuriana de signo? De Saussure a Benveniste. *Gragoatá*, Niterói, v. 22, n. 44, p. 1005-1026, set./dez. 2017b.

FLORES, Valdir do Nascimento. *A enunciação escrita em Benveniste*: notas para uma precisão conceitual. *D.E.L.T.A.*, [s. l.], v. 34.1, p. 395-417, 2018.

FLORES, Valdir do Nascimento. *Problemas gerais de linguística*. Petrópolis: Vozes, 2019.

FLUSSER, Vilém. *O mundo codificado*: por uma filosofia do design e da comunicação. São Paulo: UBU Editora, 2017.

FOLHAPRESS. *Durante a pandemia, emojis felizes dão lugar a rosto com máscara e choro*. Disponível em: <https://www.nsctotal.com.br/noticias/durante-a-pandemia-emojis-felizes-dao-lugar-a-rosto-com-mascara-e-choro>. Acesso em 11 jul. 2020.

FREIRE, R. *Entenda a diferença entre smiley, emoticon e emoji*. Disponível em:  
<http://www.techtudo.com.br/noticias/noticia/2014/07/entenda-diferenca-entre-smileyemoticon-e-emoji.html>. Acesso em: 12 de nov. de 2017.

GAGLIONI, Cesar. Quais são os 117 novos emojis de 2020. E como eles são criados. Disponível em: <https://www.nexojournal.com.br/expresso/2020/02/03/Quais-s%C3%A3o-os-117-novos-emojis-de-2020.-E-como-eles-s%C3%A3o-criados>. Acesso em: 11 jul. 2020.

GOOGLE.COM. Disponível em:

<https://www.google.com/search?q=emoji+caras&tbm=isch&ved=2ahUKEwiCwcHEgcbqAhVYLrkGHWpcAmQQ2-> [...]. Acesso em: 11 jul. 2020a.

GOOGLE.COM. Disponível em:

[https://www.google.com/search?q=EMOJIS&sxsrf=ALeKk03mSQPVpKgEjVZeWI2PpS9gGccLwQ:1594654165455&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=2ahUKEwj868jYxcrqAhU\[...](https://www.google.com/search?q=EMOJIS&sxsrf=ALeKk03mSQPVpKgEjVZeWI2PpS9gGccLwQ:1594654165455&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=2ahUKEwj868jYxcrqAhU[...)]. Acesso em: 13 jul. 2020b.

GOOGLE.COM. Disponível em:

<https://www.google.com/search?q=emojis+m%C3%A3os+dadas&tbm=isch&ved=2ahUKEwjoqO3Vv9DtAhWpJrkGHaBiCSsQ2-> [...]. Acesso em 2 de dez. 2020c.

LEVY, Piérre. *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. Nova Fronteira, Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

MORO, Gláucio Henrique Matsushita. Emoticons, emojis e ícones como modelo de comunicação e linguagem: relações culturais e tecnológicas. *Revista de Estudos da Comunicação*, Curitiba, v. 17, n. 43, p. 51-65, set. /dez. 2016.

NEGISHI, M. Meet Shigetaka Kurita, the Father of Emoji. *Wall Street Journal*, 2014. Disponível em: <https://blogs.wsj.com/japanrealtime/2014/03/26/meet-shigetaka-kurita-the-father-of-emoji/>. Acesso em: 06 dez. 2018.

NORMAND, Claudine. Émile Benveniste: qual semântica? In: NORMAND, Claudine. *Convite à Linguística*. Tradução e organização Valdir do Nascimento Flores e Leci Borges Barbisan. São Paulo: Contexto, 2014, p. 153-171.

NORMAND, Claudine. Semiologia, semiótica e semântica: observações sobre o emprego desses termos por Benveniste. In: NORMAND, Claudine. *Convite à Linguística*. Tradução e organização Valdir do Nascimento Flores e Leci Borges Barbisan. São Paulo: Contexto, 2014, p. 173-184.

NORMAND, Claudine. Saussure-Benveniste. In: NORMAND, Claudine. *Convite à Linguística*. Tradução e organização Valdir do Nascimento Flores e Leci Borges Barbisan. São Paulo: Contexto, 2014, p. 197-204.

NOTH, Winfried. *Panorama da semiótica: de Platão a Peirce*. São Paulo: Anablume, 1995.

NUNES, Paula Ávila. Da subjetividade na linguagem fotográfica: as categorias de pessoa e não-pessoa na narração de si. *Linguagem & Ensino*, Pelotas, v. 23, n. 3, p. 764-783, jul./set. 2020.

NUNES, Paula Ávila. Do rastro ao signo: a capacidade de autosemiotização da língua pela escrita e o universo semiótico de significação. 4º *Colóquio de Leituras de Émile Benveniste*,

realizado nos dias 25, 26 e 27 de outubro de 2021, pelo PPG-Letras/UFRGS, out. 2021 (informação oral).

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira. A linguagem dos emojis. *Trabalhos de Linguística Aplicada*, Campinas, n. 55.2, p. 379-399, maio/ago. 2016.

PEIRCE, Charles Sander. *Semiótica*. São Paulo: Perspectiva, 2015.

POMPEU, Bruno; SATO, Silvio Koiti. Emojis na publicidade e seus significados para marcas e consumidores: tipologias e questionamentos. *Signos do Consumo*, São Paulo, v. 10, n. 2, p. 15-26, jul./dez. 2018.

SANTAELLA, Lúcia. *O que é semiótica*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

RECUERO, RAQUEL. *Redes sociais na internet*. Porto Alegre: Sulinas, 2009.

BAIO, Cesar. Revolucionário, Flusser antecipou questões sobre o papel da imagem nos dias de hoje. *Revista Zun*. Disponível em: <https://revistazum.com.br/noticias/flusser-imagens-tecnicas/>. Acesso em: 20 fev. 2021.

ROSÁRIO, Heloisa Monteiro. *Um périplo benvenistiano: o semiólogo e a semiologia da língua*. 2018. 174f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) - Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

ROSÁRIO, Heloisa Monteiro. Émile Benveniste e a dupla significância da língua: a distinção semiótico/semântico. *Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo*, v. 14, n. 3, p. 444-456, set./dez. 2018.

ROSÁRIO, Heloisa Monteiro; FLORES, Valdir do Nascimento. A enunciação na semiologia da língua de Benveniste. *ReVEL*, [s. l.], v. 18, n. 34, p. 85-104, 2020.

ROCHA, Aline Wiczikowski; TOLDO, Claudia Stumpf. O estudo da língua e sua relação com a escrita: projeções teóricas de Émile Benveniste. *Fragmentum*, Santa Maria, n. 56, p. 105-121, jul./dez. 2020.

SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de lingüística geral*. Tradução Antônio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SILVA, Vinícius Rocha da; CASTRO, Bruno Ferreira Cesario de. O uso do emoji na significação e emoção da conversa digital. *Revista Científica Eletrônica UNISEB*, Ribeirão Preto, v. 7, n. 7, p. 154-172, jan./jun. 2016.

STEIN, Jorama. A noção de “linguagem interior” em Émile Benveniste: uma problematização para a compreensão da escrita. *ReVEL*, [s. l.], v. 18, n. 34, p. 105-114, 2020.

TEIXEIRA, Marlene; MESSA, Rosângela Markmann. Émile Benveniste: uma semântica do homem que fala. *Estudos da Língua(gem)*, Vitória da Conquista, v. 13, n. 1, p. 97-116, jun. 2015.

TITELLO, Diego Villanova. *A escrita como fenômeno semiológico em Émile Benveniste*. 2019. 195 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, 2019.

TOLDO, Claudia Stumpf. *A relação palavra e imagem no texto publicitário: linguagens que argumentam*. 2002. 266f. Tese (Doutorado em Linguística) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.